Ano 2022

PSICODRAMA E DOUTRINA CRISTÃ:

UM "ENCONTRO" ENTRE MORENO E JESUS

TIAGO MEDEIROS SALES

MARCO ANTONIO PULICE AMATO

Ano 2022

PSICODRAMA E DOUTRINA CRISTÃ:

UM "ENCONTRO" ENTRE MORENO E JESUS

TIAGO MEDEIROS SALES

MARCO ANTONIO PULICE AMATO

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Bruno Oliveira
Camila Alves de Cremo
Daphynny Pamplona
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Psicodrama e doutrina cristã: um "encontro" entre Moreno e Jesus

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Tiago Medeiros Sales
Marco Antonio Pulice Amato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S163 Sales, Tiago Medeiros
Psicodrama e doutrina cristã: um "encontro" entre Moreno e Jesus / Tiago Medeiros Sales, Marco Antonio Pulice Amato. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0353-1
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.531220407

1. Psicodrama. 2. Cristianismo. I. Sales, Tiago Medeiros. II. Amato, Marco Antonio Pulice. III. Título.
CDD 616.891523

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A Deus, meu guia e protetor de todas as horas,

A minha família, meu chão e apoio.

APRESENTAÇÃO

Esta obra é originada do Trabalho de Conclusão do Curso de Tiago Medeiros Sales, do curso de Pós-graduação em Psicodrama Clínico e Organizacional, oferecido pelo Instituto de Psicodrama e Máscaras (IPM) e pelo Centro Universitário 7 de Setembro (UNI7), sob orientação de Marco Antonio Pulice Amato, no ano de 2013, cidade de Fortaleza, Ceará.

SUMÁRIO

RESUMO

Esta obrar foi realizada com o intuito de promover uma integração entre a teoria psicodramática de Jacob Levy Moreno com os ensinamentos cristãos de Jesus. Visa enfatizar as semelhanças entre a filosofia moreniana e o seu uso na terapia psicodramática com os ensinamentos receitados pelas palavras de Jesus contidas nos quatro evangelhos do Novo Testamento. Para isso, o trabalho contém uma revisão integrativa das duas teorias, visando avaliar as passagens e citações de Jesus contidas no Novo Testamento sob o ponto de vista psicodramático e objetivando uma inter-relação entre o amor cristão e o 'encontro' moreniano. Resultou, desse tema, uma nova perspectiva para a abordagem do psicodrama, almejando um maior conhecimento da intersecção entre Jesus e Moreno e seu potencial uso terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Psicodrama. Cristianismo. Moreno. Jesus.

ABSTRACT

This work was carried out with the aim of promoting an integration between the psychodramatic theory of Jacob Levy Moreno with the Christian teachings of Jesus. It aims to emphasize the similarities between the Morenian philosophy and its use in psychodramatic therapy with the teachings prescribed by the words of Jesus contained in the four gospels of the New Testament. For this, the work contains an integrative review of the two theories, aiming to evaluate the passages and quotes of Jesus contained in the New Testament from a psychodramatic point of view and aiming at an interrelation between Christian love and the Morenian 'encounter'. This theme resulted in a new perspective for the approach to psychodrama, aiming at a greater knowledge of the intersection between Jesus and Moreno and its potential therapeutic use.

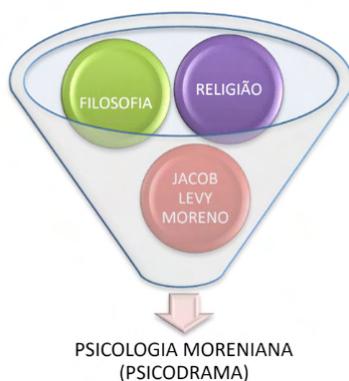
KEYWORDS: Psychodrama. Christianity. Moreno. Jesus.

INTRODUÇÃO

Segundo informações do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - através do último censo realizado em 2010, o Brasil conta com uma população de 88,8% de cristãos, somando as diferentes religiões de prática cristã, como católicos, evangélicos e espíritas. Também há uma porcentagem de aproximadamente 8% da população que nessa mesma pesquisa se declarou não crer ou praticar qualquer religião. Esses números levantados pelo IBGE mostram claramente a preponderância da população cristã entre o grupo de pessoas que creem e praticam uma religião específica, uma vez que apenas aproximadamente 3% dos brasileiros que possuem uma prática religiosa determinada não são cristãos.

Com base nesses dados, é possível verificar a importância da figura de Jesus Cristo para a sociedade brasileira, independente da forma ritualística com que se desempenha essa fé religiosa. Mesmo com todas as diferenças inerentes aos dogmas específicos de cada grupo religioso, seja católico, evangélico, espírita ou outros; fica evidente que o fator comum que une essas mesmas igrejas, assim como permite uma afinidade entre as crenças trata-se do cristianismo de Jesus. Por conseguinte, independente do caráter religioso do cristianismo, o que Jesus representa na sociedade brasileira é um fator de convergência de opiniões, uma quase unanimidade dentro de uma população caracterizada pela diversidade cultural e miscigenação de raças.

Do ponto de vista da psicologia social, esse fator unificador que se trata do cristianismo deve ser encarado como uma importante ferramenta de trabalho para compreensão e abordagem da população como um todo, como também das organizações macro e microrregionais. Mesmo que as diferenças culturais dentro desse país de dimensões continentais sejam imensuráveis; mesmo que os diferentes sotaques e expressões, caracterizados nas variações linguísticas, possam dificultar a comunicação; mesmo que as longas distâncias territoriais, as discrepâncias socioeconômicas, as abismais variações de suporte educativo com as consequentes sequelas para a formação dos cidadãos; por fim, mesmo que o Brasil seja uma nação marcada pelas diferenças que podem dificultar uma visão de unidade, Jesus torna possível uma linguagem comum e um ponto de intersecção dentro desse conjunto populacional.

Por sua vez, Jacob Levy Moreno, criador do Psicodrama, possui uma fase inicial de produção pautada em uma forte influência religiosa e filosófica. Sua juventude é toda entrecortada de uma vertente religiosa, em que já nos prenúncios de sua teoria de representar papéis, representava o próprio Deus, atitude chamada por ele de *Godplaye*r. De origem sefardita-judaica, formou seus pensamentos através de extensa filosofia existencialista, com nomes como Bergson, Buber, Kafka, Pierce, Kierkgaard e outros, deixando-se também influenciar pelas correntes religiosas ligadas à cabala, ao hassidismo, ao Buda e ao próprio Jesus. Nessa fase, escreveu obras como o poema “O Convite ao Encontro” e “Palavras do Pai”, produções de cunho explicitamente filosófico-religioso.

Torna-se perceptível que a criação de Moreno possui forte contexto religioso, com traços de um profundo sentimento de ligação com o místico e com a figura divina. Essa característica da obra moreniana é o que faz ressaltar as extensas semelhanças com o cristianismo, sendo essas afinidades centradas em todo contínuo de suas ideias, como a visão existencialista do homem e o seu papel no mundo, a influência de representar o papel de Deus na maneira de se conduzir e de interpretar os estímulos, o objetivo de atingir um equilíbrio salutar nas relações estabelecidas, a intenção de promover um autoconhecimento seguido de posterior crescimento pessoal e a visão de se conduzir a um estado de existência elencado a um patamar transcendental.

Este trabalho possui o objetivo de aproximar o amor cristão e o 'Encontro' moreniano, tanto na questão do processo de caracterização das relações em busca de um resultado positivo, quanto à possível transcendência desse resultado, sendo para Jesus, o amor, e para Moreno, o 'Encontro'. Este trabalho, por conseguinte, destina-se a apreender e a avaliar, de forma teórico-metodológica, a doutrina cristã sob uma ótica psicodramática, por meio de uma análise das mensagens de Jesus a partir de instrumentos sociométricos e, em seguida, comparar essa análise com a própria teoria de Moreno.

Reconhece-se a mistificação religiosa da figura de Jesus Cristo como eixo central

de uma das vertentes religiosas da atualidade, e credita-se a essa percepção grande parte da forma como se vê Jesus e seus ensinamentos, mas, esse trabalho destina-se a estudar a mensagem de Jesus de uma forma mais científica, sem esquecer sua importância como fundamento religioso. O caráter religioso da doutrina cristã merece ser considerado, mas o intuito da pesquisa em si é de favorecer um estudo mais psicológico, em que as características transcendentais estudadas são importantes para frisar as nuances e as variações dos indivíduos e dos grupos populacionais; assim como as afinidades e as semelhanças. Com isso, não se procura desprestigiar a essência das mensagens de Jesus, mas, sim, utilizar essa mesma essência para compreender a sociodinâmica e os aspectos psicodramáticos do povo cristão, o qual representa a maioria da sociedade brasileira.

Pode-se equacionar o assunto abordado nesse trabalho a partir do seguinte objetivo:

Analisar as passagens evangélicas com citações de Jesus por meio de instrumentos psicodramáticos, sendo, entre eles, o principal a Tele, com o intuito de ampliar a perspectiva da doutrina cristã sob um contexto psicoterápico e estabelecer uma correlação entre o Amor cristão e o Encontro moreniano.

Nessa perspectiva, o trabalho se volta para uma pesquisa qualitativa teórico-metodológica, tendo em vista estabelecer uma relação entre os ensinamentos evangélicos e a teoria moreniana por meio de uma avaliação das citações de Jesus, com o olhar da sociodinâmica e da sociometria. Trata-se, por conseguinte, de uma revisão integrativa de ambas as literaturas. O constructo de conhecimento acaba trazendo um caminho de conexão entre o Amor de Jesus e o Encontro de Moreno.

BLOCO 1 – MORENO

1 I MORENO – VIDA

Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama, pai da Socionomia, profeta da religião do ‘Encontro’, médico caridoso e altruísta, artista espontâneo do teatro da vida. Foi uma criança audaciosa cuja brincadeira de representar Deus marcou o berço do psicodrama. Quisera o destino que essa criança, de origem judia, de tanto se fazer divino, acabasse por demonstrar poderes de transformar o pensamento humano e contribuir decisivamente na evolução da sociedade.

Conforme a autobiografia de Moreno, de conotação artística imaginativa, sua história começa em 18 de maio de 1889, em uma noite tempestuosa, abordo de uma embarcação que navegava no mar Negro. No meio da madrugada, no meio do oceano, nasce Moreno. Pelo fato de ter nascido enquanto sua mãe estava embarcada, ele não possuía nacionalidade, apenas a descendência judaico-sefardita dos pais. Gostava de dizer que era cidadão do mundo. Moreno narra essa história de forma alegórica em sua autobiografia.

Quando tinha por volta de 1 ano de idade, foi acometido por uma grave doença: o raquitismo. Perdeu peso, teve os membros deformados, não podia andar. Não foi a assistência médica que o fez curar-se do mal, mas uma cigana, que passava em frente ao seu quintal e conversou com sua mãe, orientando-a a deixar o sol curar a sua doença; o que fatalmente aconteceu. Segundo a autobiografia de Moreno (1997), a cigana profetizou naquele dia: Ele será um grande homem. Gente do mundo inteiro virá vê-lo. Ele será um homem sábio e bondoso. Não chores”. Mais tarde o tempo haveria de provar a veracidade daquelas palavras.

Na infância, brincando com alguns amigos no porão de sua casa, Moreno já demonstrava criatividade ao inventar as brincadeiras. Em uma delas, representou o papel de Deus, colocando-se no céu através de várias cadeiras erguidas umas sobre as outras, e no topo, o trono do Pai. Quando desafiado por um de seus colegas sobre a possibilidade de voar, realizou a tentativa ao pular do local onde estava, acreditando no impossível. Acabou no chão com o braço direito fraturado.

O seu desenvolvimento religioso foi um tanto quanto diversificado. Começou a frequentar uma escola sefardita, onde foi apresentado à Bíblia. Depois, dedicou-se a leituras religiosas no Velho e no Novo Testamento. Lia também obras de filósofos eminentes como Kierkegaard e, particularmente, Spinoza. Em certa época ficou impressionado pela Cabala, cujo dogma central, segundo o próprio Moreno, é de que toda a criação é uma emanação da divindade e que a existência da alma é eterna. Posteriormente, envolveu-se com o hassidismo, fato que marcou profundamente as suas crenças e sua obra, sendo, portanto, de profunda relevância uma visão mais detalhada desse envolvimento, a ser visto à frente.

Na juventude, optou pelo celibato e deixou a barba crescer para parecer um profeta. Moreno, junto com alguns amigos, ajudava as pessoas que precisavam das mais diversas coisas, desde trabalho a dinheiro. Tentava, dessa maneira, criar uma nova religião. Era a religião do Encontro.

> Minha nova religião era a religião do ser, da autoperfeição. Era a religião da cura e da ajuda, pois ajudar era mais importante que falar. Era a religião do silêncio. Era a religião de fazer uma coisa por ela mesma, sem prêmio, sem reconhecimento. Era a religião do anonimato. (MORENO, 1997, p. 47).

Começou a trabalhar com crianças nas praças e ruas de Viena, cidade onde morava. Inventava histórias e criava personagens. Dessa maneira, percebeu a criatividade e a espontaneidade como forças inter-relacionadas e transformadoras do comportamento humano. Foi nessa época também que começou a trabalhar com o teatro, o que mais tarde o fez criar o *teatro da espontaneidade*, grande marco de sua produção cultural e base para o surgimento do psicodrama.

Cursou medicina na Universidade de Viena. A época não era favorável, uma vez que a guerra se desenrolava na Europa. Após concluir o curso de medicina, decidiu trabalhar em uma pequena cidade, instalando-se em Voslau, onde ficou conhecido como um médico caridoso e de excelente atuação no combate às doenças da população. Não cobrava pelos atendimentos particulares, logo sobrevivia apenas com o emprego público de chefe de saúde da cidade. Seu nome era associado à competência e à benevolência.

Em 1925, Moreno mudou-se para os Estados Unidos. Realizou um trabalho de grupo na prisão de Sing Sing; inspirado pelo seu trabalho anterior com as prostitutas de Viena e com os refugiados tiroleses, antes da primeira guerra. Também trabalhou a serviço do exército americano, ajudando a desempenhar escolhas sociométricas para os diversos cargos e funções. Em Beacon, abriu um hospital especializado em doenças mentais. Também inaugurou uma editora que publicou a revista *Sociometry*, com teorias acerca de sociometria[1] e psicodrama. Na época, estava trabalhando e divulgando suas ideias com bastante entusiasmo. Seu trabalho ganhava paulatinamente mais notoriedade.

Em 1941, conheceu Zerka, a qual viria a ser sua grande musa e parceira na produção e divulgação do psicodrama e da socionomia. Após alguns anos de casados, Zerka

---

1 SOCIOMETRIA: Conceito desenvolvido por Jacob Levy Moreno para designar o estudo que explora, mapeia e mensura as relações ou vínculos entre as forças sociais e individuais.

desenvolveu uma dor crônica na região do ombro direito. Dor tal que a impossibilitava de muitas atividades e mostrava-se resistente a qualquer tipo de tratamento médico. Moreno conta em sua autobiografia que essa época de sua vida foi de intenso sofrimento, uma vez que se sentia incompetente por não poder ajudar a sua esposa, mesmo gozando da posição de médico. Posteriormente, foi descoberto que se tratava de um condrosarcoma do processo do acrômio, sendo o único tratamento possível a amputação do braço e ombro direito.

> Certamente não fui um herói nessa hora terrível. A única coisa que pode ser dita em meu favor é que, o tempo todo, fiz tudo o que podia, tudo o que parecia razoável para assisti-la. Fui muito dedicado a ela e disposto a suportar qualquer sacrifício ou despesa para ajudá-la, mas não era um herói. (MORENO, 1997, p. 147)

A importância de Zerka no trabalho de Moreno é inquestionável. Com sua visão mais estratégica, conseguiu ajudar Moreno a organizar a sua obra, marcada pelas explosões de espontaneidade e assimetria. Próximo ao final da vida produtiva do pai do psicodrama; Zerka auxiliou para o batismo de uma nova ciência: a socionomia, que englobava toda a obra moreniana.

Atualmente o psicodrama de Moreno trata-se de uma abordagem psicológica de renome internacional, esta praticada e ensinada em diversas universidades, cuja aplicabilidade se expande dia a dia devido ao trabalho dos seguidores de Moreno, como Dalmiro Bustos, Marcia Karp, José Fonseca, Sérgio Perazzo, Mario Buchibinder e outros. O psicodrama é hoje uma realidade dentro do ambiente terapêutico, e se fortalece continuamente na corrente de pensamento que consegue descrever bem o próprio criador do psicodrama: o humanismo. Jacob Levy Moreno era médico, ator, inovador, profeta, mas, acima de tudo, era humanista.

Moreno faleceu em 14 de maio de 1974, na cidade de Beacon, Nova Iorque. Em sua lápide, ele próprio escolheu as palavras a serem escritas: "Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria" (GONÇALVES, 1988, p. 17).

1.1 Moreno, o Hassidismo e o Cristianismo

Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama, possui uma larga influência religiosa. Pode-se afirmar que grande parte da criatividade de Moreno possuía inspiração em motivações transcendentes, como fica bem claro em sua publicação "As Palavras do Pai", em que cria a imagem de um Deus em primeira pessoa e assume o seu papel.

Apesar de Moreno não ser essencialmente cristão ou adotar Jesus como figura religiosa, ele possuía uma postura de extremo respeito por Jesus, assim como também tinha por Buda e outros personagens religiosos. Nesse mesmo livro, "As Palavras do Pai", ele chega a criar uma oração cristã, bem como em sua biografia cita Jesus com bastante cortesia e reconhecimento pela sua importante mensagem.

Oração Cristã

"Esta é a oração da cruz:

Eu ofereci do meu sangue a todos.

Ele fluiu, do Meu coração, incessantemente, para Ti.

E de milhões e milhões de corações Meu sangue retornou de novo a Mim.

Oh! Que milagre ter conservado as minhas feridas frescas e a minha morte viva e me preservado queimando para sempre, na cruz!"

(MORENO, 1992, p. 225)

Embora suas raízes sejam essencialmente judaicas, chegando a ter estudado o Torá[2] durante a infância, a forma como Moreno percebia Deus ia muito além de um simples conceito religioso. Ele se apoderou da ideia de Deus como o ser verdadeiramente criativo, uma vez que toda a criação seria proveniente do ato criador de sua espontaneidade. Deus para Moreno passou a ser desejado como um objetivo a ser alcançado, como o máximo da personificação da criatividade em si. Sua significação para a importância da espontaneidade e da criatividade como forças de construção do ser e de sua saúde mental são provenientes dessa visão da divindade.

Ele acreditava que se Deus é pai e criador de todas as coisas, a sua criação também deveria possuir esse poder. Os homens devem colocar-se próximo a Deus através também

2 Torá: Nome dado aos cinco primeiros livros do Tanakh e, que constitui o texto central do judaísmo.

do ato criador, chegando até a personificar a figura do Pai e exercer o seu papel, em uma atitude sociodinâmica criada por ele conhecida como Godplayer.

O Godplayer, que significa exercer o papel de Deus, tomou conta de Moreno e o acompanhou durante parte importante de sua vida. Ele acreditava que poderia ser Deus através da ação, e como a ação sempre foi a principal marca de Moreno, reconhecido por colocar em prática seus pensamentos ainda não organizados teoricamente, ele assumiu uma postura do próprio Deus através da indumentária, barba grande, atos caridosos, e ações proféticas. Moreno dizia: "A única forma de livrar-se da síndrome de Deus é desempenhando-a" (MORENO, 1997, p.53).

Torna-se importante frisar também a forte influência que o criador do psicodrama sofreu do hassidismo, que na época era uma corrente dentro do judaísmo que rompia as formas tradicionais de praticar a religião judaica. O hassidismo tratava-se de um movimento que pregava uma nova forma de ver a Torá e de seguir seus preceitos, revitalizando práticas antes adotadas, como os sofrimentos corporais, punição do corpo para elevação do espírito, e a elitização dos preceitos, antes praticados apenas pelos iniciados na religião.

O hassidismo, na figura de Baal Shem Tov, seu idealizador, acreditava que o homem precisava estar em contato com a natureza, com a criação, e poderia rejubilar-se desse contato, sendo a alegria o passaporte para a maior proximidade com Deus, e a devoção ao criador ser representada pelo serviço prestado através da piedade.

Pode-se observar que o hassidismo tem forte influência sobre o pensamento moreniano, o qual adotou uma postura alegre, caridosa, e espontânea acima de tudo durante o prosseguir do desenvolvimento de seu maior legado: o psicodrama. A biografia de Moreno é recheada com longas passagens em que conta muitas de suas atividades de Godplayer, mostrando-o sempre apto a ajudar o próximo dentro de um princípio benevolente que se aproxima muito dos ideais cristãos.

Moreno, ao difundir suas ideias atraía pessoas de pensamentos semelhantes. Ele e um grupo de seguidores acabaram por criar a religião do Encontro, cujos princípios posteriormente influenciaram o filósofo Martin Buber, na época com uma relação pessoal com Moreno, fazendo-o criar sua obra mais conhecida "Eu e Tu", que se tornou um expoente do existencialismo na época.

Moreno fala em sua autobiografia sobre a religião do Encontro:

> Assim nasceu a religião do Encontro entre os anos 1908 e 1914. Meu grupo de seguidores e eu somávamos cinco jovens. Todos nos comprometemos a compartilhar do anonimato, do amor e da doação, vivendo uma vida concreta e direta na comunidade com todos que encontrávamos. Deixamos nossos lares e famílias e fomos para as ruas. Não tínhamos nomes, mas éramos facilmente reconhecidos por nossas barbas e nossa abordagem alegre, humana e calorosa para com todos que se aproximavam de nós. Nenhum de nós aceitávamos dinheiro pelo serviço que prestávamos a outros, mas recebíamos muitos presentes de doadores anônimos. Todos os presentes iam para o fundo da Casa do Encontro. Uma organização católica de assistência também doava para a casa (MORENO, 1997, p. 56).

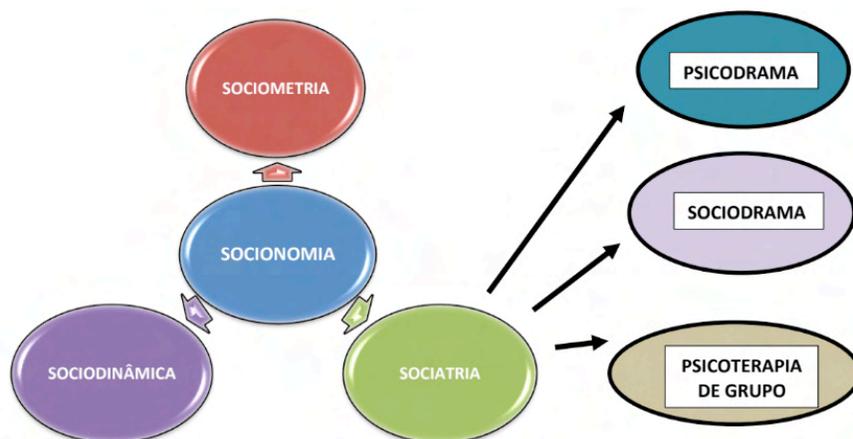
Mostra-se bem clara, com essa breve recapitulação do sentimento religioso de Moreno, a relevância da figura central de Deus e dos ensinamentos de ajuda e benevolência que mais tarde permearam toda a construção do psicodrama. Como homem inteiramente voltado para a ação, ele não se restringia a pensar 'sobre', ele agia 'sobre', recheando toda a sua criação com caracteres de profunda religiosidade e piedade. Esse aspecto da obra moreniana revela as relações estreitas entre a psicoterapia de abordagem psicodramática e o expoente do princípio humanista da caridade, ou seja, o amor em ação.

A doutrina cristã e o pensamento moreniano possuem muitas semelhanças. Isso pode ser observado não apenas pelos princípios caridosos de amor ao próximo, como também na métrica da importância desses mesmos princípios para a efetivação da própria felicidade. Pode-se perceber que Moreno defendia a espontaneidade e a criatividade como ferramenta que propiciaria o ato criador, sendo este a alma da ação do homem em busca de si mesmo; a doutrina de Jesus, apesar de não citar a espontaneidade e a criatividade, leva o homem a uma busca por si mesmo passando pela ação e doação; e isso é inerente à necessidade de criação. "Onde houver uma necessidade, atenda". É a prática de atingir a si mesmo através de uma dedicação com o outro e uma visão coletiva harmônica. Moreno e Jesus convergiam nesses ideais.

2 | MORENO – OBRA

Moreno, durante sua vida, apresentou um "gênio criador", exemplo de espontaneidade durante toda a vida. Enquanto criava os conceitos e práticas do psicodrama, ele procurava investir principalmente nas vivências e ações, investindo menor energia na parte teórica de sua criação. Suas ideias eram escritas muitas vezes de maneira espontânea, sem priorizar uma organização específica, ou dentro de uma organização muito própria.

Próximo ao final da vida, Moreno com a ajuda de sua esposa Zerka, organizou toda a sua produção em uma nova ciência, a qual chamou de Socionomia. Essa ciência

se subdivide em três estratificações: Sociodinâmica, que estuda o funcionamento ou a dinâmica das relações interpessoais; Sociometria, que objetiva medir as relações afetivas entre as pessoas por meio da aplicação de testes e técnicas que quantifiquem essas relações; e Sociatria, que possui como objetivo terapeutizar as relações sociais, utilizando como métodos a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama. Dentro da Sociatria, a psicoterapia de grupo prioriza o tratamento das relações interpessoais no grupo, o psicodrama trata o indivíduo e o grupo através da ação dramática, e o sociodrama trata o grupo quando desempenha objetivos comuns.

A criação moreniana de maior destaque é o Psicodrama. Entretanto, a alcunha não representa exatamente o significado da divisão da obra moreniana realizada já no final de sua vida. O nome Psicodrama tornou-se sinônimo de toda a obra de Moreno, acabando por englobar todos os princípios e técnicas presentes nos outros ramos da sociodinâmica, da sociometria, como também da sociatria. Falar em Psicodrama é, para o senso comum, falar em toda a criação de Moreno, embora seja sabido que a criação moreniana é mais detalhada e complexa em suas particularidades.

Na Sociodinâmica, há a teoria dos papéis, o qual são as formas de representação do próprio "Eu". O funcionamento e desenvolvimento desses papéis é alvo de estudo da Sociodinâmica, a qual engloba importantes conceitos, como a teoria dos *clusters* e o *role-playing*, *role-taking* e o *role-creating*, temas a serem abordados com mais atenção à frente.

Na Sociometria, Moreno cria um conceito para medir o estabelecimento de vínculo e a consequente formação de relação entre os indivíduos, seja entre duas pessoas, seja dentro de um grupo, ou mesmo entre pessoas e objetos. Esse conceito é por ele chamado de Tele, e contemporiza com outro conceito explorado pelos psicodramatistas, que é a transferência, ora antagonizando-a, ora englobando-a, conforme seja considerado o autor

que aborda o tema ou mesmo considerando o próprio antagonismo presente dentro da obra moreniana. Tele e transferência são conceitos por demais importantes quando se objetiva tratar das afinidades entre a teoria de Moreno e as palavras de Jesus Cristo, sendo, por isso, também abordados com maiores detalhes em sessão própria, a ser vista posteriormente.

Na Sociatria, com vistas terapêuticas, encontra-se presente um conjunto de métodos que se destina a apurar a relação intrapessoal e interpessoal de indivíduos e grupos abordados. É aqui encontrada a cena, elemento fundamental para a dramatização, objetivo para tomada de *insights* tanto grupais quanto individuais. A cena é realizada através dos seguintes passos: aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhamento; englobando diversas técnicas, como: espelho, duplo, solilóquio, inversão de papéis etc.

Essas considerações feitas sobre o psicodrama são apenas para embasar teoricamente o que Moreno criou e como poderia ser aplicado a sua criação na prática. Entretanto, é sabido que as ideias de Moreno vão muito além da psicoterapia, perpassando pela filosofia, sociologia, existencialismo, pedagogia e, inclusive, teologia, da qual é a vertente moreniana mais relevante para esse trabalho.

2.1 Espontaneidade

J. L. Moreno, no início de suas experiências e trabalhos de grupo que posteriormente promoveram a sua criação, realizou um trabalho com crianças nas ruas e praças de Viena. Eram criadas histórias e encenadas, gerando um ambiente teatral. Esse primeiro contato com a ferramenta da dramatização levou posteriormente Moreno a desenvolver o teatro espontâneo, em que não havia roteiro pré-determinado e as dramatizações eram criadas através da espontaneidade. Moreno percebeu o valor terapêutico dessa espontaneidade, gerando, por conseguinte, uma forma de teatro terapêutico baseado na força primária da espontaneidade como fator modificador das crenças e comportamentos humanos.

A vasta obra de Moreno possui um conteúdo teórico amplo pautado principalmente no desenvolvimento do homem através da espontaneidade e da criatividade, conceitos antigos, mas que foram revisitados por Moreno, gerando uma nova perspectiva de criação e adequação mediante as relações intrapessoais, interpessoais e ambientais.

Na obra, Lições de Psicodrama, a autora, Camila Gonçalves (1988, p.46) retrata:

> *“A espontaneidade é a capacidade de agir de modo ‘adequado’ diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou, ainda, transformadora de situações preestabelecidas.”*

Moreno fala sobre espontaneidade como um grau variável de respostas adequadas em uma situação com graus variáveis de inovações. Trata-se, portanto, de responder adequadamente aos estímulos, o que não exige necessariamente inovação, mas, sim, uma perspectiva do estímulo diante das situações. Nesse ínterim, a espontaneidade advém de um conjunto de reflexões que culminam em ações embasadas em causas e consequências teorizadas. Com isso, a espontaneidade busca providenciar a melhor resposta, seja esta nova ou velha.

A criatividade por sua vez é fator incondicionalmente associado à espontaneidade quando está presente o ato criador. Este ato, quando utilizado de maneira a gerar uma resposta a uma determinada situação, provoca o surgimento do inesperado, do novo. Importante enfatizar que o novo não se trata aqui do inédito, mas, sim, do compatível, da resposta apropriada ao estímulo. Portanto, tão comum se faz essas palavras em meio às rodas psicodramáticas: resposta nova a uma situação conhecida e resposta conhecida a uma situação nova.

Todos esses movimentos dinâmicos e criativos desses fatores supracitados tendem a uma luta íntima com outro conceito moreniano que é a conserva cultural. A conserva cultural trata-se da manutenção do estado vigente. Significa preservar a condição atual, independente do fator motivador. Como se pode perceber, a espontaneidade e a criatividade são contrárias à estagnação da conserva cultural. Considerada a dinâmica relacional vivenciada pelo ser temporal, torna-se sempre indispensável o ato criador para garantir maior adequação ao ambiente. Moreno defende o “adequado” como necessário à saúde do ser.

Esses conceitos primários são à base do psicodrama, e todo o seu desenvolvimento é permeado pela primazia de construir uma personalidade capaz de ser espontânea e criativa, e não se deixar perecer pelo conforto das conservas culturais, haja vista que a conserva cultural, por si só, não é deletéria, mas, sim, sua imobilidade. As técnicas psicodramáticas, em ambiente terapêutico, são voltadas para formatação dessa personalidade-alvo, vista por Moreno como saudável e competente. A proposta de Moreno é a recuperação da espontaneidade e da criatividade perdida e o fortalecimento da já existente, através do incentivo da ruptura dos padrões de comportamento estereotipados. A isso se pode associar ao que Moreno chamou de desenvolvimento do fator “e”.

Fiz a pergunta: o que é espontaneidade? Reduz-se à energia? Se se reduz energia, esta já não obedece ao princípio de conservação, visto que, se o obedecesse, a noção de espontaneidade perderia toda consistência. Somos obrigados a distinguir duas classes de energia, uma regida pelo princípio de conservação e outra que o escapa. A primeira forma de energia se conserva de diferentes maneiras: existem moldes congelados "conservas culturais", que se podem reter, mas que também podem gastar-se à vontade... Mas há outra forma de energia que, apesar de sua quantidade poder ser medida, não pode ser conservada, deslocada ou transformada, porém que emerge e se gasta de uma vez; deve emergir para ser gasta e deve ser gasta para dar lugar a outro impulso de energia. É como a vida desses animais que nascem e morrem no mesmo dia unicamente para perpertuar-se (MORENO, 1983, p. 36).

Com essas palavras de Moreno fica indicada a clara distinção que a teoria psicodramática fez, e continua fazendo, entre a espontaneidade a as conservas culturais. Esta teoria mostra que as conservas culturais são como uma forma de energia congelada, enquanto a espontaneidade é energia cíclica que nasce e se gasta, cedendo espaço para nova energia ascendente, cumprindo o seu papel determinado naquele *locus.*

Dentro da teoria psicodramática ainda se fala sobre as formas com que a espontaneidade pode se manifestar, gerando estratificações que podem delimitar uma visão quantitativa: alta e baixa frequência; ou qualitativa: normal e patológica. Moreno não aceita essa última classificação de espontaneidade patológica, referindo-se, como criador do conceito, que a espontaneidade é essencialmente positiva e boa, e que seu resultado é a adequação à realidade. Dessa forma, deixa bem determinado que o ponto alvo da teoria psicodramática é a construção de uma espontaneidade que resultará em uma adaptação necessária para o bem-estar do indivíduo.

No que compete esses conceitos morenianos, há uma possível simbiose com ideias religiosas e com a relevância das estruturas eclesiásticas na formação do ser, pode-se averiguar essa relação pelas palavras do próprio:

> A espontaneidade tornou-se um valor biológico tanto quanto social. Hoje, ela é um marco de referência para o homem de ciência, assim como para o político, para o artista e para o educador. Se assim for, também será marco de referência para o teólogo. Uma teologia da divindade não pode iniciar-se sem o conceito de espontaneidade como primeiro princípio (MORENO, 1975, p.156).

Dessa forma, pode-se compreender a espontaneidade como fator de significativa relevância na temática teológica da criação moreniana, bem como um dos objetivos de avaliação desse trabalho.

2.2 Matriz de Identidade

A matriz de identidade, criada por Moreno e posteriormente expandida por José Fonseca, trata-se das etapas de desenvolvimento do desempenho de papéis, em que o ser paulatinamente começa a enxergar o outro e passa a se relacionar com ele de forma mais equilibrada, reconhecendo e diferenciando o seu espaço do espaço alheio. José Fonseca (2008) descreve sucintamente o que Moreno falava a respeito:

> A matriz de identidade, para Moreno, constitui o primeiro processo de aprendizagem emocional da criança. A primeira etapa corresponde à completa identidade. A segunda se caracteriza pelo fato de a criança concentrar a atenção o "outro" e estranha parte dele. Na terceira, separa o outro da continuidade da experiência. Na quarta, já consegue representar o papel do "outro". Na quinta etapa a inversão de papéis, a inversão de identidade é completa: a criança consegue representar o papel do outro com respeito a uma terceira pessoa, que por sua vez desempenha o seu (FONSECA, 2008, p.83).

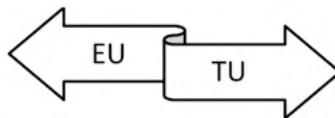
O psiquiatra e psicodramatista José Fonseca (2008) escreve em seu livro - Psicodrama da Loucura, uma descrição da matriz de identidade através de seu trabalho pessoal com o tema, somado a uma intensa pesquisa das ideias de Moreno e Buber (filósofo existencialista e humanista). Esse trabalho de Fonseca pode ser definido como um esquema do desenvolvimento humano.

Referindo-se à matriz de identidade de Fonseca (2008), a primeira fase é a *Indiferenciação*, em que a criança (EU) mantém uma relação tão próxima e íntima com a mãe (TU), primeiro ego-auxiliar, que não se diferencia dela, percebendo-a como parte de si, assim como também o mundo que está a sua volta.

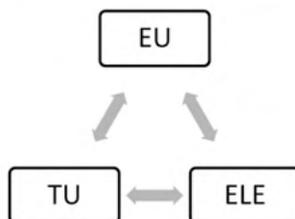
A segunda fase é a *Simbiose*, em que a criança começa a ganhar a sua identidade como pessoa, mas ainda não consegue totalmente, mantendo uma relação de dependência com a mãe.

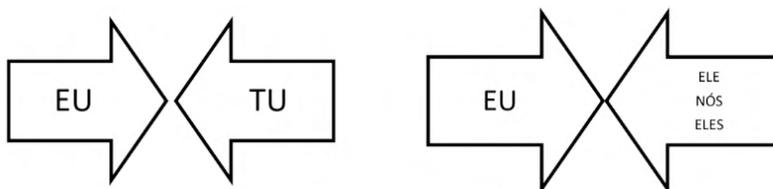
A terceira fase é o Reconhecimento do Eu, em que a criança começa a reconhecer a si própria como um ser independente, com vontade e ações pessoais, separado da mãe. Nessa fase, a criança polariza a atenção em si mesma.

Já na quarta fase, encontra-se o *Reconhecimento do Tu*, em que a criança percebe o outro e foca sua atenção nele, observando suas iniciativas e ações.

A quinta fase é da *Relação em corredor*, quando o Eu e o Tu já são reconhecidos, mas existe uma tendência de estabelecer relações exclusivistas e possessivas, em que o Tu só existe para o Eu e para mais ninguém, não aceitando outras pessoas na relação.

Por sua vez, a sexta fase é a *Pré-inversão de papéis*, em que a criança inicia o processo de inversão de papéis, começando a desenvolver a capacidade de se colocar no papel do outro. Essa capacidade só se completará mais adiante.

A sétima fase é a *Triangulação*, em que a criança percebe a presença do Ele,

estabelecendo a relação Eu-Ele, independente da relação Eu-Tu, reconhecendo também a relação Tu-Ele, independente dela própria.

A oitava fase é a *Circularização*, em que a criança ultrapassa a fase triangular da relação e passa a ter contato com grupos sociais, reconhecendo o Nós, quando está inserida no grupo, ou o Eles, quando dele não faz parte.

A nona e penúltima fase é a *Inversão de papéis*, em que depois de todo esse treinamento dos papéis (Eu, Tu, Ele, Nós, Eles) é que o ser humano consegue se colocar no papel do outro plenamente, vivenciando uma perspectiva nova da realidade e amadurecendo a partir dela. Essa fase significa maturidade e crescimento.

A décima e última fase é o '*Encontro'*, ápice de uma trajetória gradativa de conquista das fases anteriores em que os indivíduos se associam de forma muito íntima, mas sem perder suas individualidades.

Seguindo essas fases sob a perspectiva do ser que se desenvolve, pode-se interpretar da seguinte maneira:

INDIFERENCIAÇÃO	•Eu sou o mundo e o mundo sou Eu
SIMBIOSE	•Eu sou a mãe e a mãe sou Eu / Não sou mais o mundo
RECONHECIMENTO DO EU	•Eu sou Eu
RECONHECIMENTO DO TU	•Tu és Tu
RELAÇÃO EM CORREDOR	•Eu me relaciono exclusivamente com o Tu
PRÉ-INVERSÃO DE PAPÉIS	•Eu começo a me colocar no papel do Tu
TRIANGULAÇÃO	•Eu reconheço o Ele / Eu me relaciono com Ele / Tu se relaciona com Ele, independente de mim
CIRCULARIZAÇÃO	•Eu reconheço o Nós, do qual faço parte / Eu reconheço o Eles, do qual não faço parte
INVERSÃO DE PAPÉIS	•Eu consigo me colocar no papel do Outro e permito que o Outro se coloque no meu papel
ENCONTRO	•Eu compreendo melhor o Outro e a mim mesmo / Acontece o Encontro

Todas essas fases são progressivas e paulatinas, mostrando a evolução psicológica do indivíduo e seu crescente amadurecimento social e pessoal. A matriz de identidade é ferramenta importantíssima para a compreensão da gradação das relações, sendo as duas últimas - Inversão de Papéis e Encontro – peças fundamentais para a realização da análise das mensagens de Jesus em uma perspectiva psicodramática, a que se destina esse trabalho.

2.3 Papéis

No livro Lições de Psicodrama (GONÇALVES, 1988, p.67), é feita uma citação de Moreno sobre o conceito de papel:

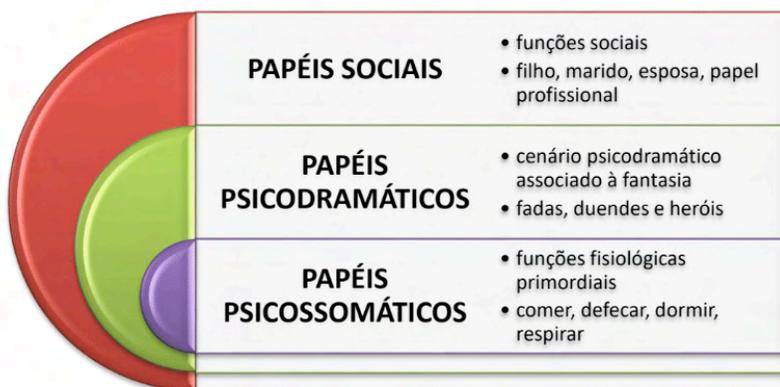
> *"O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos".*

O conceito de papel está relacionado aos diversos moldes que o ego pode representar, sejam esses moldes de características familiares, como: mãe, pai, filho, primo; profissionais, como: médico, advogado, chefe, funcionário; sociais, como: amigo, vizinho, entre outros. Esse conceito é associado à forma flexível com que se representa o Eu.

Ao se falar em papel, algumas propriedades desse conceito devem ser observadas.

Para um indivíduo, é natural que sejam representados inúmeros papéis e que esses papéis sejam desempenhados de forma espontânea. A adequação do papel a ser exercido em determinada situação depende do ambiente em que o indivíduo está inserido, seja profissional, familiar, político, entre outros. O papel também é permissivo ao contra papel em questão, ou seja, ao papel que é exercido pela pessoa com quem se relaciona, havendo uma tendência a uma maior adequação; quando há uma complementariedade, por exemplo: o papel mãe pede um contra papel filho, e vice-versa; o papel esposa pede o contra papel marido, e assim por diante.

O desempenho dos papéis de forma não espontânea leva a prejuízos nas relações em que esse papel é distorcido. Por exemplo: quando um casal altera a relação natural esposa-marido, e acaba desempenhando uma relação mãe-marido, ou esposa-filho, essa não complementariedade do papel e seu contra papel ocasionam deleções importantes no vínculo relacional, o que fatalmente afetará a qualidade da Tele existente. Torna-se importante ressaltar, que o prejuízo depende da intensidade e da duração da distorção do desempenho dos papéis. A espontaneidade, por vezes, torna-se necessária a uma alteração e, até mesmo, ao rodízio de papéis dentro de uma mesma relação, contanto que haja espaço e coerência nessa ação.

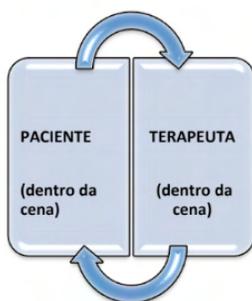
Podem-se dividir os papéis em três tipos: papéis psicossomáticos, ligado às funções fisiológicas primordiais das crianças em desenvolvimento, como: comer, defecar, dormir, respirar etc.; papéis psicodramáticos, quando são exercidos papéis de um cenário psicodramático associado à fantasia, como; fadas, duendes e heróis; compatíveis com essa etapa do desenvolvimento da criança, por fim, papéis sociais que se relacionam aos papéis exercidos no mundo real, em que se desempenham funções sociais, como: filho, marido, esposa, papel profissional etc.

A teoria ou jogo de papéis se aplica ao conceito de *role-playing*, método de tomada de papéis previamente não exercido ou exercido com ineficácia. O *role-playing* faz parte de um contínuo, em que é seguido pelo *role-taking* e *role-creating*, como forma de atuar no

papel e criar no papel, respectivamente. Esse treinamento de papéis torna-se importante no ambiente terapêutico, uma vez que muitos problemas relacionais decorrem do não desempenho ou do desempenho ineficiente de papéis que são necessários. Trata-se do pai aprender a ser pai, do filho aprender a ser filho, o chefe aprender a ser chefe, e assim por diante.

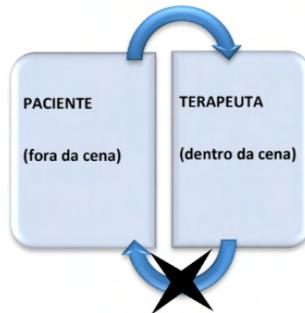
2.4 Técnicas

Algumas técnicas psicodramáticas são fundamentais para a compreensão do trabalho psicodramático em ambiente terapêutico, portanto, devem ser explicitadas aqui.

Em estágios iniciais da matriz de identidade, em que há uma tendência à indiferenciação, quando o indivíduo não consegue se diferenciar claramente dos outros com quem se relaciona, por isso não consegue realizar individualmente atividades que seriam inerentes ao seu ser, a Técnica do Duplo mostra-se funcional.

Segundo Regina Monteiro (1993) sobre a técnica do duplo: *"Nesse caso, um terapeuta na função de ego-auxiliar adota a mesma postura, expressão corporal e gesticulação do paciente, e fala a partir de sentimentos e emoções que capta".*

Nessa técnica, o ego-auxiliar ou o terapeuta assume o papel do paciente, adotando sua postura corporal e procurando uma sintonia emocional com este paciente, tornando-se uma cópia, ou melhor, um *duplo*. A partir de então, o paciente, ao conversar com seu *duplo*, identifica-se com ele, podendo trocar informações e realizar *insights*.

Sobre a técnica do espelho, Regina Monteiro (1993) comenta:

Tal como Moreno concebia, consistia em transformar o cliente em um espectador de si mesmo, fazendo-o permanecer na plateia e assistindo a cenas em que um ego-auxiliar o representava, procurando reproduzir seu modo de se movimentar, de se comportar e de se comunicar com personagens de seu átomo social ou de seu mundo interno, cujos papéis eram representados por outros egos-auxiliares (MONTEIRO, 1993, p.20).

Ao avançar na matriz de identidade, no processo de reconhecimento do Eu, a Técnica do Espelho é indicada, pois se trata da ação de representar o paciente como um espelho, sendo essa ação realizada preferencialmente por um ego-auxiliar. O paciente em questão tem a oportunidade de ver seu próprio comportamento, possibilitando novas perspectivas e *insights*.

Conforme Regina Monteiro (1993), a técnica de inversão foi descrita da seguinte forma: *"Na técnica de inversão de papéis os clientes fazem o papel de seus antagonistas. Cada um desempenha o papel do outro tal como o percebe, diante do outro".*

Após o reconhecimento do outro, passo à frente na matriz de identidade, o indivíduo passa a perceber que existe um Tu ('antagonista' na figura acima), o qual possui desejos e comportamentos próprios independentes. A Técnica de Inversão de Papéis trata exatamente de exercer o papel desse Tu, que procura vivenciar suas emoções e pensamentos e

compreender seus comportamentos. Essa habilidade de se colocar no papel do outro é fundamental para o processo relacional, haja vista a necessidade de compreensão mútua para o estabelecimento de um vínculo salutar.

A Concretização é uma técnica em que o terapeuta solicita ao paciente que ele represente objetos, lugares, figuras abstratas, até mesmo sentimentos e comportamentos. O paciente personifica o objeto em questão, o qual é levado a refletir sobre determinada situação.

3 I TELE

O conceito de Tele, sendo parte da criação de Moreno, é demasiadamente relevante para o trabalho proposto, por isso ganha seção própria e caracterizações mais minuciosas.

Dentro da teoria moreniana, vários conceitos e classificações, sejam sociométricas ou psicodramáticas, possuem uma evidente relação com posições e crenças adotadas por Jesus. Obviamente que, ao afirmar tal fato, não se pretende explicações ou justificativas de uma ou ambas as teorias, mas simplesmente notar as relações analógicas que estabelecem.

É possível observar inúmeras semelhanças entre as palavras de Moreno e de Jesus. Tais semelhanças conduzem em diversas avaliações minuciosas da ideologia dos dois autores sociais em pontos de convergência importantes, tanto para as ciências psicológicas quanto para o teor religioso inerente à capacidade humana de transcendência. No fim, quando as duas teorias são cruzadas, a nomenclatura e a base estrutural científica, em que se baseiam, perdem a importância diante do impacto e das possibilidades de aprimoramento de vínculos que ambas, as teorias, favorecem.

Torna-se importante frisar que o mais importante não é a área de atuação, que fora determinada como parâmetros teóricos, mas sua relevância para o estabelecimento de relações humanas equilibradas e o desenvolvimento da afabilidade das diversas redes sociais.

Dentro desse contexto, não há ponto de convergência maior entre Moreno e Jesus do que o fator Tele.

Moreno conceitua:

O Tele foi definido como uma relação elementar que pode existir tanto em indivíduos como entre indivíduos e objetos, e que no homem se desenvolve gradualmente desde o nascimento, dando sentido para as relações humanas. Pode por isto ser considerado como fundamento para todas as relações sadias e como elemento principal em todas as formas de psicoterapia. Consiste no sentimento e conhecimento da situação real do outro (MORENO Apud BUSTOS, 1990, p. 91).

Bustos (1999) também cita: *"Todo vínculo está dinamicamente estruturado pelo denominado fator Tele. Denomina-se Tele todas as transações que ocorrem entre pessoas"* (BUSTOS, 1999, p.54).

Diante dessas definições, percebe-se que o fator Tele trata do estabelecimento do vínculo e da dinâmica das relações, sendo as características da Tele responsáveis pelas variações qualitativas e quantitativas dessas relações.

Moreno, como criador do termo e pai do psicodrama, deve ser levado em consideração prioritariamente para estudo da Tele. Para Moreno, Tele é fundamento para todas as relações sadias e deve ser alvo para as abordagens psicoterápicas. Quando se trata de relação, a Tele é o ponto em que se estabelecem os laços, em que vai ser construído o processo vincular, direcionando para uma relação sadia ou patológica. Justifica-se, assim, a importância da Tele em ambiente terapêutico, também se justifica seu uso para uma análise das palavras de Jesus em termos relacionais. Para uma melhor compreensão do que Jesus quis passar com seus ensinamentos, será usado um olhar sociométrico sob uma visão da formação do vínculo e da formação da Tele do desenrolar do processo relacional.

Moreno também cita a situação real do outro como importante fonte de conhecimento para aquele que se relaciona. Pode-se considerar que o real, mencionado por Moreno, vai além de qualquer impressão, constatação ou interpretação pessoal. O real se insere em um plano de existência acima de qualquer motivação individual, sendo esse mesmo estado favorável a um vínculo mais verdadeiro, sincero, uma vez que trabalha em um patamar acima das questões transferenciais.

Nesse momento, torna-se importante frisar alguns pontos teóricos que podem ser confundidos com o fator Tele, para assim poder diferenciá-los e delimitar com maior propriedade os conceitos.

Moreno diz:

Sendo o termo Tele, cunhado por mim, se me permitirá advertir que a Tele é algo que emergiu da análise terapêutica de relações interpessoais concretas. Mais tarde os modelos estatísticos foram aplicados ao fenômeno Tele... Os termos alemães Einfuhlung (empatia) e Uberstragung (transferência) que expressam relações unidirecionais, não apresentavam, quando foram cunhados, o novo tipo de fenômenos que a investigação das relações interpessoais descobriu. Zweifuhlung (Tele) foi estabelecido em oposição a Einfuhlung. [...] Tele é a percepção interna e mútua dos indivíduos, é o cimento que mantém os grupos unidos. É Zweifuhlung em contraste com o Einfuhlung... Tele é uma estrutura primária; a transferência uma estrutura secundária. Depois de desvanecer a transferência, certas condições Tele continuam operando. A Tele estimula as relações permanentes e as associações estáveis. Supõe-se que no desenvolvimento genético da criança a Tele surge antes da transferência" (MORENO apud MARTÍN, 1996, p.196).

Percebe-se pelas palavras de Moreno que tanto empatia quanto à transferência são conceitualmente distintos do fator Tele. O processo télico é bidirecional, estabelecendo uma via dupla e possibilitando uma maior associação entre os campos de influência (Teoria dos campos de Lewin) para os envolvidos na relação. As repercussões dessa bidirecionalidade são inerentes ao processo do desenvolvimento do vínculo: os envolvidos são ativamente participantes através de suas escolhas e corresponsáveis pela escolha do outro, uma vez que se influenciam mutuamente, em um mecanismo semelhante à lei de causa e efeito da física newtoniana.

Cada um é definido pelas posturas oriundas de seu próprio 'mapa de mundo' e sofre influência, o quão se permitir, das posturas originadas do 'mapa de mundo' do outro envolvido. Essas pessoas, que estão em relação, mantêm-se independentes, porém com hibridizações que postulam um caráter etiologicamente misto, desenvolvidas no desenrolar do processo relacional.

A transferência e a empatia, diferentes da Tele, são uma via de mão única. Nesse contexto, apenas o 'mapa de mundo' de um indivíduo da relação é considerado, sem observar a pertinência das variações provocadas pela influência da outra parte envolvida. O centro do vínculo não são os dois, é apenas um. Portanto, o conceito de Tele mostra-se superior devido à maior abrangência e à maior percepção das características associadas à dinâmica vincular, possibilitando uma maior compreensão da relação em si.

Pode-se ponderar, através das palavras de Moreno, que a transferência não seria algo completamente discrepante do fator Tele. Pelo contrário, estaria contida dentro

desse fator e precisa ser observada como uma das estruturas que compõe e influencia dinamicamente os processos télicos. A transferência é um dos fatores que participam da composição da Tele, sendo, então, um subconjunto que está inserido em algo maior, que é a Tele.

A empatia como força relacional apresenta uma forte diferença quando comparada à Tele. A condição de se colocar no papel do outro, que seria uma forma de compreender a empatia, denota uma vinculação unidirecional que inviabiliza a percepção do processo global. Uma pessoa pode se colocar no papel de outra sem depender das influências que essa outra pessoa tem sobre a primeira. Desenvolve-se, portanto, uma percepção superficial e reducionista sobre uma tentativa de integração das partes envolvidas. Os dois contemplados no processo relacional precisam ser considerados.

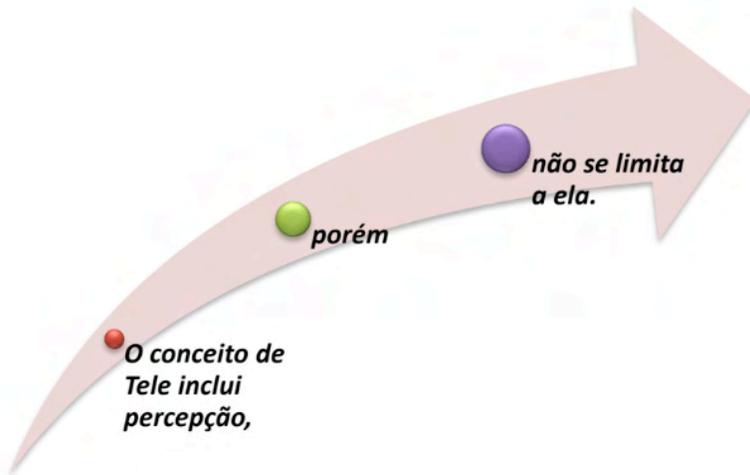
A Tele difere da empatia por conseguir observar a dinâmica associada ao ir e vir da relação, ao um e ao outro, ou melhor, citando a obra de Martin Buber: o Eu e o Tu envolvidos.

A empatia assim como a transferência são nomes utilizados para a caracterização de fatores percebidos pelo estudo dirigido às variáveis da relação. O fator Tele consiste em um conceito maior que engloba os outros dois, proporcionando maior perspectiva para a melhor compreensão do vínculo relacional.

3.1 Características da Tele

Sérgio Perazzo (1994), no livro - Ainda e sempre psicodrama - transmite algumas características da Tele: *"Tele é um fenômeno de interação, sendo viabilizado entre seres em relação, salvo Tele para objetos, para animais e para objetos imaginários."* Perazzo (1994, p. 39)

A Tele é um fenômeno plenamente associado às relações em que ambas as partes são participantes e contribuem para o processo. Por isso, qualquer relação em que uma das partes não pode ser ativamente participante, independente das motivações que geram essa impossibilidade, a gênese da Tele fica impraticável. Para que o fator Tele se desenvolva, todos os envolvidos devem estar integrados ao Encontro. Interessante observar que Moreno, ao criar o conceito de Tele, abria a possibilidade de Tele entre pessoas e seres inanimados, sendo sua definição discordante de Perazzo (1994).

A revisão sobre Tele, feita por Perazzo (1994, p.39), conceitua:

Segundo a fenomenologia, o estudo do objeto por parte do observador sempre será influenciado pela carga transferencial depositada pelo próprio observador no objeto, isto é, por mais que seja realizada uma redução fenomenológica para abolir os vieses de observação, a transferência ainda se fará presente de alguma forma. O máximo que pode ser atingido para um resultado do estudo do fenômeno desprovido de caracteres do operador desse mesmo estudo é uma transferência que tende a zero, mas que na prática nunca se ausenta completamente. A observação do fenômeno já altera o fenômeno em si. Sempre haverá transferência.

Esse mecanismo pelo qual se estuda o objeto, de acordo com a psicopatologia se opera através da sensopercepção. O homem conhece a si mesmo e a natureza através dos seus sentidos. Entretanto, a forma como se percebe o outro dentro de um processo télico não se limita às funções da percepção realizada, uma vez que surgem variáveis pertencentes ao conceito relacional que sobrepujam as qualidades do poder perceptivo desempenhado.

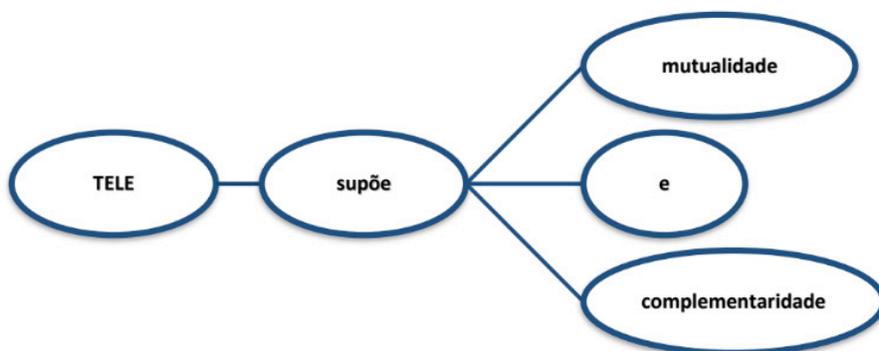
É como se a dinâmica da relação não possa ser plenamente conhecida apenas por meio de ferramentas perceptivas ligadas ao determinismo sensorial. Para uma melhor compreensão do fenômeno-relação há uma tendência natural que o apurado seja avaliado de uma forma mais subjetiva, a qual pode entrar em intersecção com a capacidade de transcendência do observador. Novamente a carga transferencial se faz presente e torna-se extremamente relevante para lapidar o resultado do estudo.

A sociometria, através de suas qualidades positivistas, procura medir os parâmetros que determinam as escolhas vinculares, entretanto, os resultados obtidos dessa tentativa de visão matemática mostram que essas escolhas são influenciadas por variáveis não objetivas, afetando a presumida lógica do processo e revelando um desfecho pouco previsível e aparentemente desprovido do fator casualidade, uma vez que possui lógica

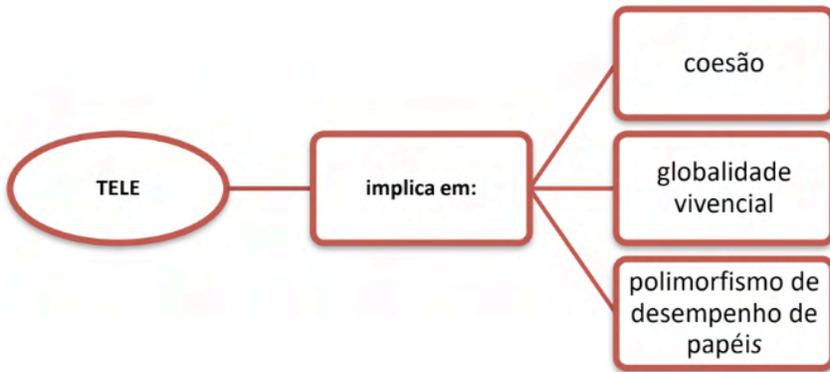
própria e aparenta manter um sentido sociométrico consensual.

A objetividade perceptual científica possui claramente sua importância para o estudo do fator Tele, no entanto, os valores intuitivos presentes na subjetividade da elaboração e posterior observação da Tele precisam obrigatoriamente ser considerados, uma vez que são partes integrantes fundamentais do fenômeno. A crença cristã e seus determinantes e consequências estão intrinsecamente relacionados com essa subjetividade tão presente na Tele, mesmo porque o ser humano possui a espiritualidade como característica inata e inseparável da sua personalidade, não podendo essa mesma espiritualidade ser segregada sem corromper a identidade de o próprio ser.

A crença subjetiva associada aos valores cristãos e religiosos dos integrantes do fenômeno-relação também compunham e determinam a Tele.

Perazzo (1994 p. 39,) afirma:

Como já estabelecido anteriormente, Tele é sempre uma via de mão dupla, necessitando de participação mútua para sua elaboração. Diante do desenvolvimento do vínculo, essa mutualidade gera uma possível complementariedade, e aqui se entende por complementar as posturas dos envolvidos sem sobreposição ou dependência, mas com uma integração que permite contato, envolvimento e evolução da relação, mas sem causar dependência.

Importante deixar claro que essa complementaridade, aqui designada, trata-se da formação de uma Tele positiva, uma vez que essas colocações se destinam a uma relação télica de qualidade e como atingir esse patamar almejado.

Perazzo (1994, p. 39) também afirma:

A noção de coesão pode ser vista como tendência à unidade. Quando se fala em coesão do ponto de vista químico refere-se à propriedade das moléculas de manterem-se próximas, unidas; conforme seu padrão de afinidade e a consequente força de suas ligações. Dentro de um contexto social, pode-se estabelecer uma similaridade conceitual: a coesão social seria a propriedade de manter proximidade e união entre as pessoas e grupos envolvidos. Entretanto, há uma diferença importante a ressaltar entre essas duas áreas do conhecimento: o padrão social de afinidade como fator determinante da coesão perde força diante do não pragmatismo e da subjetividade inerentes ao estabelecimento do vínculo. Não quer dizer que as afinidades sejam irrelevantes para o desenvolvimento de uma Tele positiva, mas sim que esse conceito dentro de um contexto social é mais volátil, menos determinante.

Como se pode definir a importância das semelhanças para o estabelecimento da Tele, quando se depara em nossa prática psicoterápica com tantas posturas e ideologias diferentes e até antagônicas entre os envolvidos, mas que por fim conseguem desenvolver relações télicas positivas?

As diferenças entre as partes não inviabilizam a Tele. Todavia, para que haja Tele é preciso que essas diferenças sejam conhecidas e trabalhadas pelos constituintes, com a determinação de aprofundar os níveis de contato. Esse processo é dinâmico e tende a se fortalecer ou enfraquecer com o tempo. Como consequência, são necessárias múltiplas vivências em diferentes aspectos relacionais que possibilitem tal processo. Quanto mais vivências, maior o estabelecimento de Tele e quanto mais Tele mais vivências são provocadas, como um mecanismo que se retroalimenta e se perpetua.

Perazzo (1994) também não poderia deixar de mencionar a importância do desempenho dos papéis para o fator Tele. Cada papel assumido representa uma função social que pede um complementar: pai e filho, marido e esposa, professor e aluno, líder e liderado, terapeuta e paciente, e assim por diante. Cada papel necessita do desempenho do contra papel, sendo a escolha do papel dependente do complementar. Caso o papel escolhido seja impróprio para a situação e para o contra papel, haverá um atrito na relação

que pode evoluir para um desgaste e até quebra do vínculo. Como exemplo: marido e mãe, filho e esposa, terapeuta e filho etc. A falta da variabilidade na escolha dos papéis ou a livre opção por um papel inapropriado é causa de grandes problemas relacionais e, por conseguinte, alvo das técnicas psicodramáticas no *setting* terapêutico.

Ainda dentro da revisão que Sérgio Perazzo realizou sobre o tema, encontra-se a seguinte afirmação (1994, p. 39):

A sociometria tende a enxergar os indivíduos participantes de uma relação como peças de uma engrenagem que necessita de fino ajuste para o pleno funcionamento da máquina. Nessa analogia, a sociometria seria modelo de revisão da máquina em funcionamento, servindo como fonte importante de informações para sua manutenção. Entretanto, não se restringe a apenas observar o fenômeno em andamento. Pelas suas técnicas analíticas e descritivas, a sociometria permite lapidar um melhor funcionamento para a máquina já ligada, como também, permite a ser um potencial manual de instruções para a máquina a ser ligada.

A posição sociométrica define o equilíbrio da função do complexo máquina-relação, uma vez que peças mal encaixadas não funcionam de forma correta. Consequentemente, a Tele se associa a necessária posição sociométrica como fator condicional. Não haverá a produção de uma relação de alta qualidade sem o harmônico posicionamento das pessoas envolvidas e a estabilidade provocada pelas interações saudáveis entre os envolvidos. Isso é Tele.

Segundo as palavras de Perazzo (1994, p.39):

Moreno cria um conceito chamado 'autoTele', que permite uma perfeita visualização do que seria o vínculo intrapsíquico: a relação do Eu com o Eu. Muitas vezes, observa-se na prática psicoterápica o quão essa relação, quando em prejuízo, afeta não apenas o bem-estar da pessoa em questão, como todas as outras relações em que esteja inserida. A 'autoTele' não apenas pertence ao próprio fator Tele, como é integrante fundamental para

o seu melhor desenvolvimento.

Ao contrário do que se possa pensar sobre a formação do vínculo e a importância da bidirecionalidade na elaboração do processo télico; a Tele permite e necessita da individualização dos componentes. Ao se falar de um conjunto de partes, e caso essas partes estejam inseridas em um conjunto maior e mais complexa, então, como compreender esse conjunto complexo sem compreender cada parte individualmente?

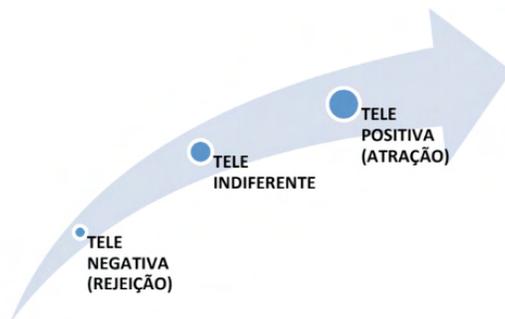
A Tele não privilegia a visão do todo em detrimento da visão dos seus constituintes. Tampouco privilegia a visão invidividual em detrimento da visão do todo. Justamente por reconhecer o papel desempenhado por cada peça e por toda a máquina-relação, é esperado que máquina funcione de forma integrada e harmônica.

Dependendo da forma de conceituar a Tele, pode-se vislumbrar uma Tele sem reciprocidade. Ao se adotar o seu conceito geral, a existência de uma Tele sem reciprocidade é possível, uma vez que a relação precisa ser mútua e complementar, mas não necessariamente recíproca. Entretanto para caracterizar um aspecto salutar do fator Tele, ou seja, quando a relação tende a estabelecer vínculos de alta qualidade, essa ausência de reciprocidade torna a relação algo deficiente, unilateral, pouco integrada.

A reciprocidade não é essencial para a formação da Tele, mas, sim, para a sua qualidade. Tele sem reciprocidade é admissível, mas Tele positiva sem reciprocidade é um conceito desprovido de sentido, inexiste na prática real.

3.2 Classificações da Tele

Torna-se importante citar algumas classificações da Tele, conforme descrição de Eugenio Garrido Martín, do livro “Psicologia do encontro: J.L.Moreno”, para uma melhor compreensão do tema e posterior associação com uma visão teórica do cristianismo.

> Na própria análise das matrizes sociométricas e dos sociogramas, se reflete uma Tele positiva (atração) e uma Tele negativa (rejeição), e quando não existe comunicação nem positiva nem negativa, chamamos de indiferente. Moreno aprova esta divisão ou classificação da Tele-estrutura” (MARTÍN, 1996, p.198).

Essa classificação entre Tele positiva, negativa e indiferente é bem simples e se trata mais da força de qualidade da relação do que propriamente de intensidade. É, portanto, uma caracterização mais qualitativa, que expressa, em valores de coesão e de associação, a relevância do fator Tele na relação observada. Nesse caso, há uma subjetividade de qualidade, não uma mensuração da força dessa coesão.

A positividade do fator Tele fala a favor de uma relação de maior harmonia e satisfação por parte dos envolvidos. Por conseguinte, a negatividade indica atrito, desgaste, entre os ciclos de contato, favorecendo uma relação em desequilíbrio e uma possível ruptura do objeto relacional. Entretanto, conforme a intensidade do padrão vincular na Tele negativa, pode-se atingir um estado fértil para brotar um esforço no sentido de aprimorar a qualidade da Tele e levá-la ao polo extremo. Tanto a vontade, a iniciativa e a determinação dos constituintes possibilitam essa transformação.

A Tele indiferente pode facilmente, dentre as três mencionadas, ser considerada a de pior resultado, a que menos favorece o encontro. Tanto a Tele positiva quanto a Tele negativa caminham para uma maior integração se utilizada às forças de associação como ferramenta para a construção da dinâmica vincular, entretanto, a indiferença mostra uma atitude apática, desprovida de interesse para fortalecimento dos campos associativos, o que naturalmente inviabiliza a qualidade da relação. O contato tende a não ocorrer, ou se ocorrer, não aparenta linhas de ligação significativas.

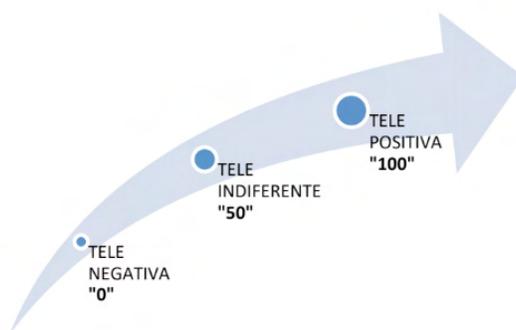
> Baseando-nos na imediatez, classificaríamos a relação-Tele em próxima ou distante. Próxima quando a relação se estabelece diretamente entre as pessoas que se amam ou se odeiam. No átomo social seriam representadas por linhas diretas, sem intermediários. Distante, é a relação que se exerce através de uma terceira pessoa que une afetivamente dois indivíduos (amigos de amigos) (MARTÍN, 1996, p. 198).

Essa outra classificação torna-se de fácil compreensão quando admitida a noção de espaço. A relação próxima é a que apresenta as partes em contato direto, sem intermediários ou outros conectivos segregantes. Percebe-se, portanto, que, apegando-se

a personalidade como entidade inata que representa a essência do ser; a relação próxima garante maior interação e intimidade pela redução progressiva do espaço entre essas essências. Esse movimento tende ao encontro moreniano.

A relação distante, ao contrário da primeira, apresenta obstáculos que intermediam a relação, tornando-a corrompida por não estabelecer ligação direta. Essa estrutura desfavorece a construção de uma associatividade competente, o que possibilitaria uma Tele de qualidade. Essa constatação faz parte de uma lógica racional e prática bem prevalente no meio social, uma vez que devido à falta de contato direto muitos feixes télicos deixam de ser construídos e inúmeras relações são evitadas ou abortadas.

Garrido Martín (1996, p. 198) também afirma: “Outro critério de classificação da Tele, partindo do ponto de vista sociométrico, nos levaria a uma gradação, do simples acaso a Tele perfeitamente estruturada.”

O conceito de gradação, diferente dos conceitos prévios de positividade ou negatividade leva a um teor quantitativo. Pode-se fazer uma analogia com a figura de um intervalo matemático contínuo, que varia de ‘0 a 100’. O ‘0’ (zero) seria a ausência de qualquer contato, impossibilitando o fator Tele de atuar, o que o autor em questão chama de acaso. O ‘100’ (cem) seria o máximo expoente do desenvolvimento da Tele, com todas as suas caracterizações, ou o que o autor chama de Tele perfeitamente estruturada.

Essa gradação de ‘0’ (zero) a ‘100’ (cem) ocorre de forme contínua, sem interrupções, e pode ganhar aspecto crescente, conforme varia em tendência ao ‘100’ (cem), ou decrescente, conforme cai em direção ao ‘0’ (zero). Ao considerar o fator tempo no desenvolvimento vincular, dificilmente essa gradação vai se apresentar de forma estática, como se ocupasse ininterruptamente o número ‘51’(cinquenta e um) ou ‘76’ (setenta e seis), por exemplo.

A Tele sempre diminui ou aumenta em intensidade conforme o desenrolar dos acontecimentos, a característica das escolhas, o padrão de resposta do outro, e assim por diante. Por isso o trabalho para estabelecimento e fortalecimento da Tele nunca chega ao fim. Ela é, e sempre será, um processo dinâmico.

BLOCO 2 - JESUS

1 I JESUS – VIDA

Jesus Cristo é a personalidade mais conhecida da história da humanidade. A vida, o desenrolar dos acontecimentos durante suas peregrinações, o modo como despertava a atração e admiração das pessoas, suas palavras ternas e sua postura cândida, o toque místico de contato com o transcendente; todas essas características podem apenas explicar parcialmente o conjunto complexo de fatores que elencaram a figura de Jesus ao patamar de referência de comportamento e conduta filosófica em nossas vidas.

Não há relatos precisos de historiadores que retratem de forma pormenorizada a vida de Jesus. Os registros mais acessíveis, que se pode dispor, são os mesmos utilizados para guiar as religiões de base cristã: os quatro evangelhos. Os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João são obras produzidas na época de Jesus, ou anos após a sua morte, possuindo muitas semelhanças evidenciadas pela simpatia dos textos em passagens precisas, como também possuem algumas diferenças primordiais, até hoje objeto de estudo teológico.

Em meio aos registros disponíveis para a população, são excluídos outros textos escritos na época de Jesus, sob posse do Vaticano – sede da Igreja Católica. Entre esses textos, encontram-se outros evangelhos, cartas e testemunhos que são considerados hoje como textos apócrifos, inacessíveis ao homem comum. A escolha dos quatro evangelhos, os quais compõem a Bíblia – livro sagrado do cristianismo, também foi realizada pela igreja católica na época do império romano, após a oficialização do cristianismo como religião oficial do império pelo imperador Constantino, no século IV d.c.

Por conseguinte, para avaliar a vida de Jesus e características de seu comportamento,

a opção pelos quatro evangelhos torna-se mais lógica e acessível. Diante do tema que está sendo explorado neste trabalho, crê-se que não haverá prejuízo no desenvolvimento dos componentes associativos através desta bibliografia teologicamente enviesada, uma vez que é justamente a mensagem que foi passada por Jesus que interessa ao cerne central do trabalho aqui realizado.

Jesus nasceu em uma família pobre. Sua mãe, Maria, teria sido escolhida por Deus para receber a graça de gerar o Messias em seu ventre. José, até então pretendente de Maria, não aceitou essa concepção imaculada, mas, após a visita de um anjo mandado por Deus, acreditou na beatitude de Maria e resolveu desposá-la. A criança nasceu na cidade de Belém, em uma manjedoura, ao redor de animais. Mais tarde esse fato seria utilizado por seus inimigos que debateriam sobre como um rei deveria se apresentar ao mundo, em meio à pobreza e animais, ou anunciado por anjos que descem dos céus.

Poucas informações estão presentes durante a época de sua infância. O evangelho de Lucas conta que aos doze anos Jesus havia se perdido dos seus pais em Jerusalém. Foi encontrado apenas três dias depois, no templo, onde encantava os doutores com sua sabedoria.

> Quando eles o viram ficaram admirados. E sua mãe disse-lhe: “Meu filho, que nos fizeste? Eis que teu pai e eu andávamos a tua procura cheios de aflição.” Respondeu-lhes ele: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai? (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Lucas, cap 2, vers 48-49, p. 1349)

Segundo os evangelhos, Jesus começou seu ministério apenas por volta dos trinta anos, após ser batizado por João Batista, na época o maior dos profetas, conhecido como anunciador da vinda do filho de Deus e, por isso mesmo, tendo reconhecido Jesus e o batizado.

Jesus, após iniciar sua peregrinação, começou a discursar em várias cidades, sendo rechaçado por uns e adorado por outros. Foi paulatinamente reunindo, em torno de si, um grupo de doze homens, posteriormente conhecido como “os doze apóstolos de Cristo”, que o acompanharam durante toda a sua jornada até sua crucificação, e o ajudaram a espalhar suas crenças e difundir o seu novo modelo de comportamento.

Jesus realizou muitos milagres. Curou cegos de nascença, leprosos, aleijados, exorcizou demônios, e até ressuscitou um homem já falecido. O processo pelo qual desempenhava essas curas era bastante variado, desde o uso de saliva e barro para a cura de um cego até o simples toque em suas vestes, chegando a realizar curas sem proximidade física com o necessitado, fazendo-o apenas por pedido de seus entes e amigos. Independente da forma como realizava o milagre, sempre enfatizava a importância

da fé individual como força motriz indispensável para a realização das curas.

Segundo o evangelho de Mateus, capítulo 17, versículo 20: *"Em verdade vos digo: se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a esta montanha: Transporta-te daqui para lá, e ela irá; e nada vos será impossível"* (BIBLIA SAGRADA, 1999, p. 1305).

Durante suas pregações, foi por muitas vezes confrontado e desafiado, atos movidos por inimigos e pessoas descrentes de sua missão. Entretanto, conforme contam os evangelhos, Jesus não se permitiu cair em qualquer armadilha, sempre dispondo de uma resposta elaborada ou de ações adequadas para as mais complicadas situações. O resultado foi que sua fama se espalhava por toda a região da Galileia, incomodando principalmente os escribas e sacerdotes da então vigente religião judaica, amparados nas leis de Moisés.

Jesus foi traído por um de seus apóstolos: Judas. O traidor o entregou ao exército romano pelo valor de trinta moedas de prata, o equivalente na época ao preço de um escravo. Ele foi levado para ser visto por Caifás, sumo-sacerdote, que ansiando por sua condenação o encaminhou a Pôncio Pilatos para ser julgado. Pilatos acabou por condená-lo à crucificação por pressão dos sacerdotes e anciãos judeus. Em nenhum momento Jesus defendeu-se ou gerou qualquer comentário contrário ao seu martírio vindouro.

Após sofrimento intenso através das chicotadas, da coroa de espinhos, do peso da cruz, que foi obrigado a carregar, da dor causada pelos pregos que o mantinha crucificado, Jesus ainda manteve-se coerente com toda a sua mensagem quando em suplício a Deus, disse: *"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Lucas, cap 23, vers 34, p. 1381).

Jesus morreu da mesma forma que viveu, amando os homens como irmãos. E independente de seus milagres, ou de sua ressurreição após a morte, a sua mensagem de amor é o que mais marcou e continua perpetuando-se nas mentes e nos corações dos que conhecem suas palavras. Por isso que se torna fundamental uma visão mais detalhada desse amor cristão.

2 | JESUS – OBRA

A filosofia expressa por Jesus, durante a sua vida, não foi escrita pelo próprio. Suas crenças não compuseram qualquer obra literária a partir de si mesmo. Jesus, conforme

é evidenciado pelos quatro evangelhos, não se preocupou em escrever, mas em falar. Também não se detinha muito em explicações, contextualizando certos temas com ações e mantendo na sua conduta o exemplo sobre o que acreditava.

Suas explicações eram enxutas e diretas. Com exceção do sermão da montanha, presente nos evangelhos de Lucas e Mateus. Jesus não se esticava em seus discursos, resumindo tudo o que queria mencionar sobre o tema abordado através de citações curtas e abertas à reflexão, assim como o professor que ao ensinar não dá a resposta, mas ajuda o aluno a pensar para chegar à própria conclusão.

Falava muitas vezes através de parábolas. Quando interrogado pelos seus discípulos sobre o porquê dessa prática, explicou que para muitos assuntos o homem não estava preparado, precisando Ele, então, para passar a mensagem, semear no pensamento dos homens a lição da qual tratava, o que posteriormente poderia ser compreendido com as experiências e maturidade. A pedagogia de Jesus estava bem à frente do seu tempo.

A mensagem de Jesus era basicamente uma: a promessa da chegada do reino de Deus, o qual consistiria em uma existência de paz e prosperidade para toda a sociedade. Esse reino estaria pautado nos princípios regidos pelo que Jesus acreditava ser como meio para atingir esse estado de plenitude, como: humildade, benevolência, caridade, justiça, mansuetude e amor. Aqueles que conseguissem atingir esse estado de comportamento estariam aptos a pertencer ao reino de Deus, enquanto os que não o fizessem sofreriam as amarguras de sua escolha infeliz.

Jesus, em suas palavras, não especifica o que seria o reino de Deus. Logo, percebe-se uma linguagem figurativa sobre este conceito. Nesse caso, entende-se que o conceito de reino de Deus traz uma mensagem subjetiva e reflexiva em torno de princípios morais que elevariam o ser a uma categoria especial, ressaltando-a através de considerações e citações e mostrando-a através de suas próprias ações.

> O reino dos céus é comparado ao grão de mostarda que o homem toma e semeia em seu campo. É esta a menor de todas as sementes, mas, quando cresce, torna-se um arbusto maior que todas as hortaliças, de sorte que os pássaros vêm aninhar-se em seus ramos (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 13, vers 31-32, p. 1300).

Importante frisar que havia, à época, uma formatação religiosa vigente que se tratava da lei mosaica, baseada nos dez mandamentos do monte Sinai e no código de leis impresso no Antigo Testamento. Muitas vezes Jesus dizia e agia de forma antagônica à crença religiosa aceita. Quando interrogado sobre essa incoerência, dizia que não tinha vindo ao mundo para destruir a lei, mas para transformá-la. Até então se acreditava na visão de um Deus temerário e punitivo, o qual castigaria os homens quando sua vontade

não fosse realizada. Mostra-se, sob essa visão, portanto, sentimentos de vaidade e orgulho na figura divina, que exortaria a própria imagem diante da pequenez do homem, imperando sobre Ele o seu desejo. Jesus trouxe uma nova perspectiva de Deus, como um Deus-pai, que ama seus filhos e os perdoa, convidando-os a entrar em seu reino e gozar da felicidade eterna, sendo para isto necessário que se ame a Ele e aos outros homens.

> Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outro. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho João, cap 13, vers 34-35, p. 1404).

Todos os ensinamentos de Jesus são voltados para esse mesmo tema: amor. As declarações que Jesus usa sobre os mais variados temas são posteriormente resumidos por Ele na questão de amar a Deus e amar ao próximo, sendo este todo o sentido de sua filosofia, segundo o próprio. É dessa forma de se conduzir para atingir esse patamar de amor que o homem precisa elaborar vários comportamentos condizentes como o seu objetivo, e são esses comportamentos que encontram afinidades com a sociodinâmica e o psicodrama moreniano, sendo por isso necessário maiores detalhes sobre o tema, a ser abordado de forma mais minuciosa em outra parte deste trabalho.

BLOCO 3 – ENCONTRO

1 I JESUS E A TELE

É de fundamental importância deixar claro que toda a argumentação aqui dirigida a Jesus e a sua doutrina não considera o caráter dogmático da mensagem religiosa de Jesus, mas realiza uma avaliação psicossocial e estabelece paralelos com as palavras morenianas. Não é relevante para essa análise a significação da figura transcendente de Jesus – aqui Ele não é Deus ou Messias, sob um contexto religioso, mas, sim, um teórico social que exclamou sobre um novo conceito de autorrelação e de relação em sociedade. Essa teoria cristã, avaliada à base da sociometria, é, portanto, o foco desse estudo.

Sociometria é o estudo das relações inter-humanas, utilizando questionários cujos resultados se expressam mediante sociogramas. Através dos sociogramas tem-se uma visão imediata de como estão os grupos, divididos nos seus sentimentos positivos e negativos, polos de atração, rechaço e indiferença, ou neutralidade. São estudos sobre as forças atrativas e repulsivas dentro dos grupos sociais. "O que constitui toda a originalidade da sociometria é que a medida (metrum) somente aparece como um meio técnico bem delimitado, para alcançar melhor as relações qualitativas com o "socius"; estas relações estão caracterizadas por sua espontaneidade, seu elemento criador, seus tratos com o instante, sua integração nas configurações concretas e singulares" (GURVITCHCIT CHAIX-RUI apud FONSECA, 2008, p. 9).

Todo o trabalho de Moreno fala a respeito de uma nova forma de ver as relações, dando-lhes uma importância pautada em ação, no aqui-agora, na espontaneidade e criatividade; e no consequente desenvolvimento de vínculos télicos. Moreno impressiona com a ideia de que os vínculos entre as pessoas podem ser conhecidos, medidos, estudados e trabalhados em um sentido de aprimoramento, se manejados de forma terapêutica. Essa medição se trata da sociometria e seu uso com ideais terapêuticos que trata da sociatria. Todo esse movimento gera, por conseguinte, a possibilidade de um ganho de qualidade na relação.

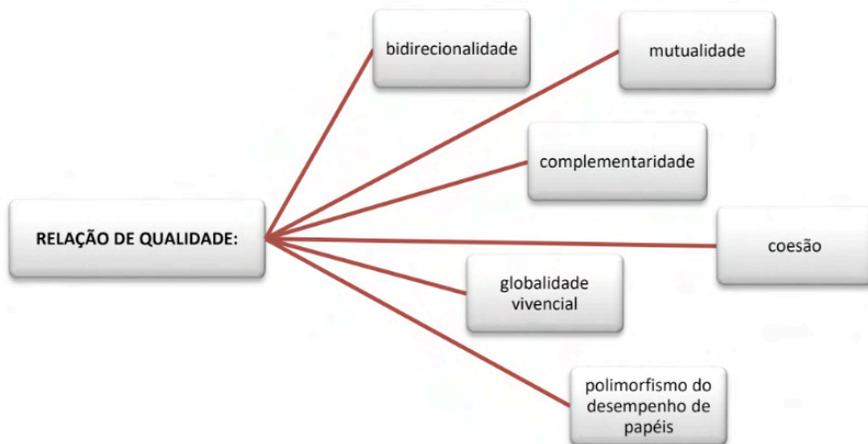
Mas o que pode ser considerado uma relação de qualidade? Quais parâmetros podem ser considerados para que se possa afirmar com propriedade que uma relação possui harmonia?

Para que essa pergunta seja alcançada é necessária uma avaliação sobre o que Moreno falava sobre Tele e suas variáveis. Tele trata-se do vínculo estabelecido entre os indivíduos sendo determinante para lapidação de uma relação sadia. Para que a Tele se faça presente, torna-se necessário que a relação possua algumas características, tais como: bidirecionalidade, mutualidade, complementariedade, coesão, globalidade vivencial e polimorfismo de desempenho de papéis.

> Tele, um conceito próprio do psicodrama, enquanto fenômeno da interação, supõe uma vivência totalizadora mútua, em que a integridade do biológico, do social, do inTelectivo, do perceptivo e do afetivo se fazem presentes nos seres em relação num dado momento – é o campo limpo e iluminado do acontecer existencial entre seres onde se dá o encontro. Para que isto ocorra, é necessário o preenchimento de condições muito difíceis de alcançar, de repetir e, mais ainda, de manter. É por esta razão que sua vinculação à categoria momento se faz indispensável (PERAZZO,1994, p. 41).

Em uma relação imaginária, pode-se conceber a presença de todas essas características télicas e, a partir delas, começar a vislumbrar uma relação em que o nível de qualidade é elevado, uma vez que a falta de qualquer uma dessas características comprometeria todo o processo télico e deixaria a relação em prejuízo.

Pode-se considerar também que algumas classificações da Tele favorecem uma relação de alta qualidade, como a positividade, a proximidade e a alta gradação (Tele perfeitamente estruturada). Essas classificações fornecem a informação de que os indivíduos em relação possuem atração, associam-se diretamente e não por intermediários, e portam alto nível de contato, sendo qualquer uma dessas vertentes fundamental para o vislumbre de uma relação de alta qualidade.

O que foi descrito pode ser sintetizado, para melhor compreensão, como os fatores condicionais para a gênese de uma relação de qualidade: ser bidirecional, ou seja, atuar nos dois fluxos, sem privilegiar qualquer parte envolvida; ser mútua e complementar, ou seja, ter a participação ativa dos constituintes e proporcionar uma integração, sem ferir a independência ou individualidade; possuir coesão, ou seja, apresentar uma força associativa sólida pautada em diretrizes mensuráveis e não mensuráveis; ter globalidade vivencial, ou seja, apoiar-se em experiências verdadeiras e construtivas (aqui não importa o teor da experiência, se agradável ou desagradável, mas, sim, a dinâmica da interpretação e elaboração em direção às resultantes positivas do processo); contar com polimorfismo do desempenho de papéis, ou seja, mostrar versatilidade e coerência para exercer as funções devidas, no tempo apropriado. Quando essas características são atendidas, conta-se com uma Tele positiva, próxima e perfeitamente estruturada.

Mas como fazê-lo? Como estabelecer nas relações essas características que proporcionam esse patamar qualitativo?

Há mais de dois mil anos, Jesus trouxe uma mensagem até então desconhecida que falava sobre uma nova forma de se comportar. Na sociedade da época, dominada pela hierarquia tirânica do império romano e pelos significantes religiosos vigentes, a busca por justiça acabava muitas vezes envolvendo violência, exemplificada pelos atos de apedrejar adúlteros e guerrear por motivos banais. A cultura desfavorecia o surgimento de relações de qualidade.

Entretanto, Jesus, com suas afirmações e parábolas, gerou um novo contexto religioso a partir de mudanças na forma de interpretar os fatos e vivências e de se conduzir diante dessas interpretações, o que consequentemente transportava muitas ferramentas novas para a construção de caracteres de personalidade e comportamento que, por fim, favoreceriam um estado de equilíbrio social.

Essa perspectiva cristã surgida com a figura de Jesus ainda hoje permanece de conotação ímpar para o desenvolvimento das matrizes psicológicas, haja vista o peso que o cristianismo possui sobre a forma com que os adeptos encaram os acontecimentos e moldam sua forma de agir. Há, então, a formação de uma personalidade pautada em conceitos morais que favorecem a uma Tele positiva e a suas consequentes repercussões salutares.

O mandamento de Jesus: “amai o próximo como a si mesmo” mostra de forma sucinta o teor de dedicação e sacrifício inerentes ao processo de construção de um estado vincular de qualidade. Entretanto, é imperativo que muitas afirmações de Jesus sejam vistas com maior minúcia, para que seja realizada uma conexão entre essas afirmações e as dinâmicas relacionais que favorecem a formação de uma Tele de alta qualidade. Esse passo será dado adiante.

2 I SERMÃO DA MONTANHA

Nos Evangelhos de Mateus e Lucas estão contidas passagens correspondentes ao discurso que Jesus realizou em meio aos seus discípulos e uma multidão de seguidores, no alto de uma montanha. São palavras cheias de significado que aqui merecem ser vistas com cuidado e com um olhar crítico sociométrico.

> Bem aventurados os que têm um coração de pobre, porque dele é o Reino dos céus! Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados! Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra! Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia! Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus! Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus! (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 5, vers 3-10, p. 1288).

Com essas palavras Jesus deixa transparecer algumas características que possibilitam a bem-aventurança ou salvação, em um contexto religioso. Essas mesmas características podem ser interpretadas como ferramentas necessárias para a aquisição paulatina de uma posição sociométrica, que favoreça a harmonia daquele que lhe é portador, ou seja, o indivíduo que contemplar no seu ser essas características pode atingir um estado de equilíbrio que fala a favor de um equilíbrio social, tanto intrapessoal como interpessoal. Aqui se considera que não seria possível um equilíbrio geral verdadeiro se tanto a autorrelação (ou 'autoTele') quanto às relações télicas externas não estiverem presentes e, por sua vez, também equilibradas.

Bem - Aventurados (Quem...)	
	os que têm um coração de pobre
	os que choram
	os mansos
	os que têm fome e sede de justiça
	os misericordiosos
	os puros de coração
	os pacíficos

Bem-aventurados (Porque...)	dele é o Reino dos céus
	serão consolados
	possuirão a terra
	serão saciados
	alcançarão misericórdia
	verão Deus
	serão chamados filhos de Deus

Vê-se uma citação relacionada ao Sermão da Montanha:

> *"Bem aventurados os que têm um coração de pobre, porque dele é o Reino dos céus!"* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 5, vers 3, p. 1288).

Para a conotação religiosa cristã, coração de pobre é uma expressão que significa humildade. Essa humildade pode associar-se ao primeiro olhar a uma perspectiva financeira, entretanto com o seguir da passagem, parece que Jesus trata mais de um estado de personalidade humilde. Como sinônimo desse termo, pode-se sugerir a capacidade de resignação, abdicação, satisfação com o que se faz presente. O contrário se faria através da soberba existencial, da sensação de "ego inchado", acima dos demais.

Ao se considerar um contato entre duas pessoas, deve-se refletir sobre a dinâmica impressa no 'ir e vir' da relação. Mesmo com o cuidado com a relação, uma das partes em algum momento comete um ato condenável pela outra parte, seja devido a um eventual prejuízo ou a uma simples discordância. O acerto posterior com o retorno para uma posição de equilíbrio depende da flexibilidade com que as duas partes se comportam, a primeira, que cometeu o erro, deve ter a capacidade de compreender o desagrado do outro, e elaborar estratégias que possam minimizar essa repercussão negativa de sua conduta; enquanto a segunda, a que sofreu com o ato, deve estar apta a perdoar e se adaptar e/ou se comunicar de forma construtiva com a primeira para alterar sua postura. Nos dois contextos, pode-se ponderar que a Tele demanda uma humildade de caráter para manter o equilíbrio, seja para reconhecer o erro e tentar uma transformação, seja para perdoar e ter a disposição de um melhor acerto.

A humildade em uma perspectiva social favorece a Tele. A resignação e a abdicação quando realizadas de maneira natural, sem excessos potencialmente deletérios para quem os faz, possibilitam um vínculo mais estável e sujeito as intempéries vivenciais de cada indivíduo em sociedade, quanto para a própria sociedade em si.

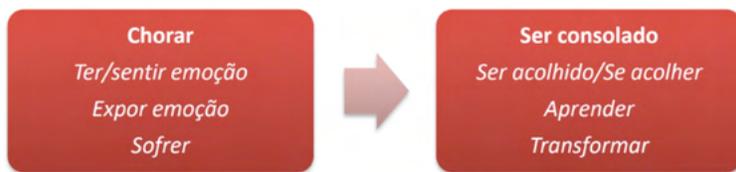
> *"Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!"* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 5, vers 4, p. 1288).

Os seres que choram são aqueles capazes de se emocionar. A emoção, portanto, torna-se arma para a escalada da harmonia pessoal. Mas apenas ter emoção não parece suficiente, conforme a passagem. É preciso também se emocionar, chorar, colocar para fora, deixar aparecer o sentimento e permitir uma exposição pessoal que muitas vezes é interpretada como fraqueza. Talvez o sentido aqui fique associado à questão de não se proteger em demasia e deixar fluir externamente os conteúdos internos.

Expor-se é se colocar em risco, mas também é se abrir para o contato, para estreitar o espaço entre as essências. A afetividade é parte fundamental do processo relacional e necessita estar aparente para que a dinâmica possa ser trabalhada pelas partes envolvidas.

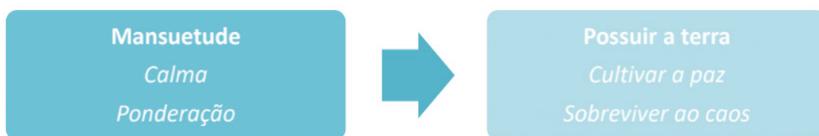
Ao considerar o choro como um significante análogo ao sofrimento em geral, então, torna-se enfática a questão da ação como ponto importante do contexto. Chorar é agir em prol de um alívio e, ao mesmo tempo, assumir o sofrimento como parte das experiências necessárias para o aprendizado. Entrar em contato com a dor é um meio de entendê-la e resolvê-la, favorecendo um crescimento pessoal e relacional.

O contato com a emoção, seja associada à alegria ou ao sofrimento, favorece a uma experiência subjetiva do Eu que possibilita um crescimento individual, o que acaba afetando a 'autoTele' e a Tele vincular com os outros. A Tele se fortalece com as experiências quando essas são utilizadas como pontos de aprendizagem. A afetividade, como fator inerente ao ser, torna-se base para um conjunto de crenças e comportamentos que, no fim, são expressas em como a pessoa se relaciona. Mas, essa mesma afetividade não apresenta postura passiva no processo vincular, sendo extremamente necessária a sua transformação conforme a dinâmica das experiências vividas. Uma emoção em equilíbrio significa uma tela positiva. Relembrando as palavras de Perazzo (1994, p 39): "Tele supõe mutualidade e complementaridade". A Tele acompanha a mudança pessoal e possui as

mesmas características com que essas mudanças são trabalhadas.

O choro, o sofrimento em geral, pode ser visto, então, como uma oportunidade de aprendizado que possibilita uma potencial melhor estruturação da Tele, com suas consequências saudáveis como resultado.

"Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!" (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap. 5, vers. 5, p. 1288).

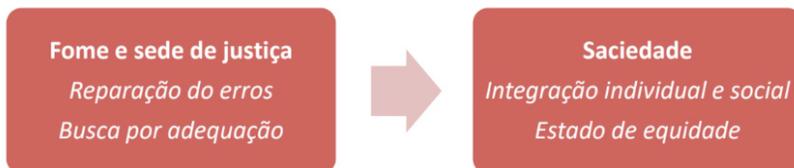
A mansuetude é um conceito difícil de compreender devido às inúmeras possibilidades de situações em que ela pode ser encarada como algo benéfico ou prejudicial. Porém, Jesus não explica esses pormenores, o que deixa sua expressão com um tom geral. Os mansos herdarão a terra, logo, os que não forem mansos irão perecer. Essa posição cristã aparenta estar associada à atividade de se manter tranquilo em situações adversas, objetivando raciocinar antes de agir. Essa postura descrita por Jesus pode ser entendida como a atitude de se manter calmo diante das adversidades e não a passividade de não reagir.

Socialmente, evitar reações emocionais impulsivas, procurar ter uma conduta apaziguadora, com ponderação, e trabalhar para a construção de um estado de paz são armas para elaboração e manutenção de uma Tele extremamente positiva. Essa Tele positiva produzida pela mansuetude atua tanto em sentido focal quanto grupal, devido a sua propriedade de dispersão.

Ao se refletir sobre uma relação de duas pessoas em que ambas possuem como característica pessoal um comportamento padrão de agressividade e impulsividade afetiva, pode-se vislumbrar uma relação bastante conflituosa, que tende ao fracasso, uma vez que a Tele tende a ser negativa, gerando distância entre os envolvidos. Ao considerar outra relação em que apenas uma das pessoas possui essa característica, já se torna possível imaginar um maior equilíbrio, uma vez que uma das partes estará potencialmente apta a

cultivar a compreensão e entendimento, mesmo com a agressividade da outra. Entretanto, para que a Tele possa se instalar de forma bem estruturada, positiva, as duas pessoas da relação devem contribuir com comportamentos que favoreçam laços de respeito e compreensão mútua, independente de fatores conflituosos.

> *"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!"* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 6, vers 3-10, p. 1288).

Fome e sede significam alimento, nutrição, subsistência. A justiça é um conceito que denota ordem, ajustamento, veracidade. Entende-se que essas palavras significam a busca fundamental por uma integridade, um ajuste que, dentro de um contexto de comunidade humana, trata-se de uma ordem social. Aqueles que buscam justiça evitarão injustiças, ou seja, erros que poderiam resultar em ruptura e distância.

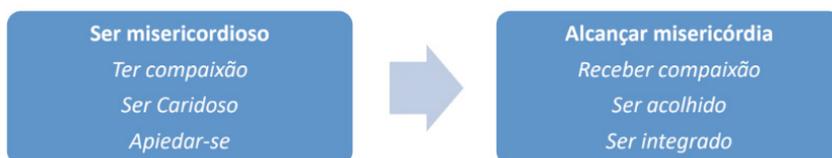
A justiça sempre apareceu como redenção dos erros. É ela que coloca novamente no padrão de comportamento estipulado como bom pela cultura quando há a recusa de seguir o que é reconhecido como correto. Ela permite novas chances, o que possibilita a integração dos constituintes do conjunto humano. Ela também traz uma noção de postura social, algo associado a uma gama de condutas que garantem e sustentam essa integração.

A busca pela justiça significa, sob outro ponto de vista, busca por adequação. E adequação é a raiz do princípio moreniano de espontaneidade. Dentro do processo relacional, justiça representa o estabelecimento de um estado de equidade entre os envolvidos. Aquilo que pertence aos direitos e deveres de um deve obrigatoriamente também fazer parte dos direitos e deveres do outro. Essa distribuição equitativa possibilita um maior ajuste na Tele, uma vez que o componente bidirecional estará pautado sob as mesmas proporções. A adequação entra como resultado de uma igualdade relativa instaurada pela justiça prevalente nas ligações télicas.

> *"Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!"* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 5, vers 7, p. 1288).

A citação se volta à misericórdia que é a instituição da compaixão e da caridade.

Compadecer-se é se apiedar da situação de sofrimento alheio e a caridade é agir no sentido de beneficiar aquele que precisa. Essas forças tão relacionadas falam a favor de um auxílio mútuo, de uma situação de equilíbrio comunitário em que os integrantes esforçam-se em ver o bem-estar do outro com quem se relacionam. O bem-estar almejado, no caso, não é de apenas um, mas de todos.

A misericórdia possibilita uma construção sistêmica de um estado de benevolência dotado de reciprocidade. Trata-se de desfocar a atenção de si mesmo e focalizar o outro, preocupando-se com sua situação e auxiliando para sua melhora. Em um conjunto social,\ dotada dessa característica, a possibilidade da formação de uma unidade coesa e fortalecida é plenamente factível. Aquele que serve também será servido, e quem se beneficia é o grupo.

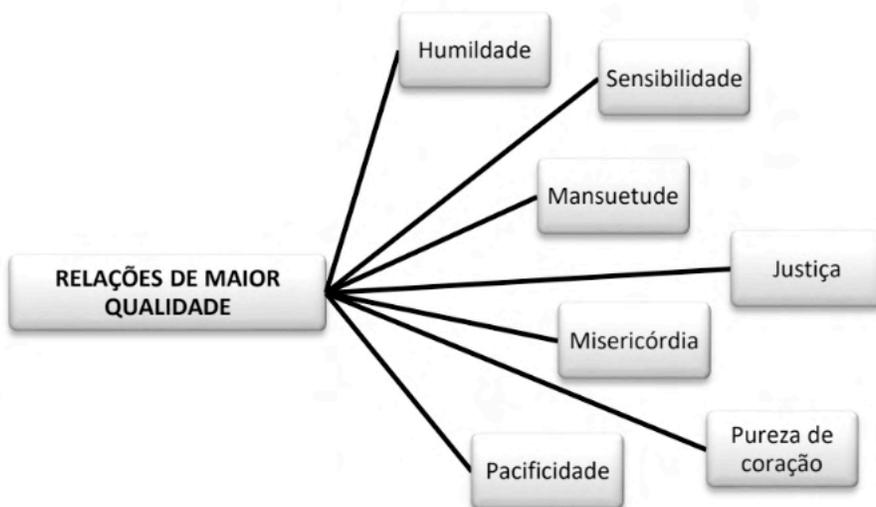
Ao contemplar um processo de vinculação entre duas pessoas, pode-se vislumbrar onde a misericórdia cede espaço a uma Tele positiva. Quando uma das partes da relação se encontra frágil, necessitada de um suporte, seja este qualquer, e a outra parte se apresenta em seu apoio e a favorece de uma forma decisiva, ou apenas com incentivo; esse movimento possibilita a reabilitação da primeira, tornando-a mais forte para resistir às intempéries presentes e futuras. Por conseguinte, o laço entre as duas é estreitado, gerando uma possível reciprocidade no acolhimento e auxílio entre as partes.

Firma-se aqui um princípio quântico em que o apoio mútuo gera uma atmosfera de integração, na qual duas pessoas integradas representam uma força maior que cada uma individualmente. Se referendar essa lógica para o grupo, um grupo integrado está acima de cada um individualmente e acima de grupos menores ou menos integrados. Essa perspectiva de integração a partir da misericórdia remete então a uma utópica sociedade que funciona perfeitamente integrada, estando todos os indivíduos inseridos no grupo e protegidos por ele, e funcionando de forma a manter o grupo coeso e resistente às adversidades, por meio do auxílio integrado entre os componentes. Seria potencialmente essa a sociedade defendida por Jesus, estruturada em vínculos télicos individuais e grupais fortemente estabelecidos.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus! Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!"
(BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 5, vers 8-9, p. 1288).

O conceito de “puro de coração” é extremamente subjetivo e entremeado de cunho religioso. Não se pode, portanto, neste trabalho, enfatizar um sentido real para tal conceito. Entretanto, seu significado latente deixa transparecer características associadas aos bons pensamentos, à prática das boas ações, ao intento do perdão, da união e da busca pela paz individual e social. Nesse caso, sob a condição de ‘ser puro’, o estado mental gerado por essa condição consegue vislumbrar a ideia de Deus em sua magnitude e perfeição, permitindo uma aproximação do amor divino e da natureza do homem criado sob a égide desse amor. Ser puro permite um contato, um toque com o amor de Deus.

O ser pacífico está morfologicamente ligado ao tema da mansuetude, explorado previamente. Relaciona-se a um estado de tranquilidade que favorece o estabelecimento de vínculos mais estáveis, com o consequente fortalecimento das redes sociais. Ser pacífico também é ter o coração puro. Em termos mais abstratos, trata-se de uma condição de existência em que o indivíduo se caracteriza por boas crenças, pensamentos benevolentes, capacidade de enxergar o próximo e tentar entendê-lo, comportamentos de auxílio e compreensão, entre outros fatores que se podem considerar ecológicos do ponto de vista social.

Entretanto, ser pacífico é uma condição ativa, pois depende de uma postura do ser diante de suas escolhas. O indivíduo escolhe ser pacífico e se esforça para isso, construindo uma personalidade e comportamentos associados a essa escolha. Dessa forma, com esse modelo de funcionamento, o indivíduo pacífico dissemina o amor de Deus assim como um filho traz as características de um pai. Daí, o pacífico ser chamado de filho de Deus, pois o representa. Todas essas características, pelas razões já mencionadas anteriormente, capacitam uma Tele de alta qualidade e favorecem a realização do encontro.

Com essas breves passagens do sermão da montanha – as bem-aventuranças -, pode-se relacionar certos fatores que, se desempenhados, trabalham a favor da construção de uma Tele de atração, ou seja, positiva. Os indivíduos humildes, sensíveis, mansos, justos, misericordiosos, puros de coração e pacíficos possuem uma maior tendência a constituir vínculos mais saudáveis, operacionalizando relações de maior qualidade.

Percebe-se também com essas palavras que há uma posição condicional intrínseca à postura do ser e ao resultado obtido a partir de então. Dessa forma, os que choram serão consolados, os mansos obterão paz, os justos alcançarão justiça e os misericordiosos verão a misericórdia. Logo, em uma relação inversa, o teor da mensagem afirma que para se obter consolo, paz, justiça e misericórdia é preciso primeiro oferecer aquilo que se busca. Essa maneira de ver o fim como resultado do processo é algo que levanta a sensação de atividade, de atitude. A ação é necessária para que o resultado se mostre favorável. A responsabilidade, portanto, fica sob a tutela do indivíduo que busca esse estado de equilíbrio, ou como se pode afirmar com teor religioso, esse estado de graça.

> Digo-vos a vós que me ouvis: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos maldizem e orai pelos que vos injuriam. Ao que te ferir numa face oferece-lhe também a outra. E ao que te tirar a capa, não impeças de levar também a túnica. Dá a todo o que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho reclames. O que quereis que os homens vos façam fazei-o também a eles (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Lucas, cap 6, vers 27-30, p. 1354).

Jesus com essas palavras fala sobre doação. A capacidade de se doar significa o homem em serviço dos outros homens, ou melhor, do grupo social em que está inserido. Essa doação implica em sacrifício pessoal, em desapego, em dedicação para com aqueles com quem se está envolvido.

DOAÇÃO

- Amai... os vossos inimigos
- Fazei bem... aos que vos odeiam
- Abençoai... os que vos maldizem
- Orai... pelos que vos injuriam
- Ao que te ferir numa face... oferece-lhe também a outra
- Ao que te tirar a capa... não impeças de levar também a túnica
- Dá a todo... o que te pedir
- Ao que tomar o que é teu... não lho reclames
- O que quereis que os homens vos façam... fazei-o também a eles

Mas qual a importância dessa doação em um contexto sociométrico? E como realizá-la sem abdicar de si próprio?

Imagina-se que uma relação para possuir qualidade, precisa ser dotada de vínculos firmes, sólidos, pautados em características mútuas que resultem em uma força de atração de alto teor associativo. Essas características essenciais são o cimento e o tijolo necessários para a construção dessa força de atração. Ao se considerar o ser humano comum, com desejos de satisfação, conforto e felicidade, aquilo que possivelmente traz essa condição vivencial de bem-estar gera essa atração. Por conseguinte, as características que recheiam e dão forma ao vínculo precisam também proporcionar satisfação, conforto e felicidade.

Se for considerado que uma das partes da relação está interessada em estabelecer um vínculo firme com a outra, as características escolhidas mais óbvias para a construção desse vínculo estariam em torno de garantir um bem-estar para a outra parte, provocando dessa forma essa força de atração e favorecendo que esse outro também proporcione bem-estar ao primeiro. E assim o mecanismo se retroalimenta continuamente, uma vez que, e se somente se, ambos se dedicam a esse movimento dinâmico.

Entretanto, é preciso enxergar a doação como algo delimitado por um equilíbrio racional razoável. Não pode haver satisfação de uma das partes se a outra se prejudica para satisfazê-la. Da mesma maneira, um indivíduo não pode renunciar ao seu próprio ser em nome do outro e esperar atingir com isso um estado de plenitude. Essa negociação entre a importância de doação e os seus limites paralelos é o que dificulta a formação de um eixo vincular, mas também refina e consolida esse mesmo eixo com forças otimizadas em autodedicação, heterodedicação e mutualidade. Ao comentar esse processo está sendo tratado prioritariamente sobre uma Tele positiva.

> Se amais os que vos amam, que recompensa mereceis? Também os pecadores amam aqueles que os amam. E se fazeis bem aos que vos fazem bem, que recompensa mereceis? Pois o mesmo fazem também os pecadores. Se emprestais àqueles de quem esperais receber, que recompensa mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Pelo contrário, amai os vossos inimigos, fazei bem e emprestai, sem daí esperar nada. E grande será a vossa recompensa e sereis filho do Altíssimo, porque ele é bom para os ingratos e maus (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 6, vers 31-35, p. 1354).

Com essas afirmações categóricas, Jesus descaracteriza a necessidade de reciprocidade para a formação télica. O sentido que suas palavras ganham fala a respeito de 'dar sem esperar receber', ou seja, do trabalho de uma das partes sem a exigência do trabalho da outra, constituindo assim uma atitude gratuita.

Mas qual seria a vantagem de uma doação sem retribuição?

Imagina-se um grupo não coeso. Ele possui uma fração de pessoas que se associam telicamente, mantendo vínculos saudáveis, enquanto outra fração está segregada, dispersa. O grupo que se mantém coeso, possuindo consequentemente maior força social devido à sua maior unidade decorrente de sua estrutura mais complexa. Os indivíduos que estão separados se tornam mais sujeitos as intempéries, são mais frágeis. Entretanto, mesmo em desunião, esses indivíduos podem possuir características variadas que os tornem potenciais elos para a formação da corrente social. E mesmo que as características não sejam novidade em um grupo já previamente coeso, a aquisição de maior numerário aumenta a força motriz do conjunto.

Contudo, não se trata apenas de quantidade, afinal um grupo de dez pode ter bem menos coesão do que um grupo de dois. A soma de duas pessoas não provoca a sua união da mesma forma que uma multidão não forma uma comunidade. O conceito aqui não se trata de simples soma entre as partes, mas, sim, da sua integração.

É preciso que atuem fatores conectivos que oscilam entre o factível e o abstrato, além de bastante trabalho dos integrantes para a elaboração de vínculos salutares, para que o resultado final seja uma verdadeira ligação e um sentimento de unidade. Metaforicamente, observa-se que os fios de sisal são frágeis quando isolados, mas, quando estão intimamente

agrupados e torcidos sob um mesmo eixo, ou seja, integrados, permitem a formação da corda, cuja estrutura resiste a grandes tensões.

Devido à necessidade de integração, de fazer um grupo maior e mais forte, os indivíduos segregados devem ser paulatinamente anexados ao grupo através do processo de doação sem retribuição. Dessa maneira, aqueles que se encontram fora do grupo, de alguma forma já passam a fazer parte do mesmo. E devido às forças de atração discutidas anteriormente, ocorre uma tendência de uma maior aproximação de acordo com os processos vivenciais e as contingências.

Sérgio Perazzo (1940) comenta sobre a ausência de reciprocidade como fator não proibitivo da elaboração da Tele:

> O primeiro ponto contraditório destas formulações está na questão da reciprocidade. Se Tele é fundamental para a ocorrência de um encontro, supondo-se que a noção de encontros seja um dos parâmetros para a sua caracterização, é obvio que ser definido como um fenômeno de dupla direção e, portanto, diverso de empatia, é condição *sine qua non* para a sua delineação. Contudo, a admissão de uma Tele para objetos, de uma Tele para animais, de uma Tele para objetos imaginários e da transferência compreendida como parte da própria Tele (seu ramo patológico e que em si mesma já contém a noção de não reciprocidade), nos aponta para um fenômeno mais amplo que transcende a exigência de reciprocidade como um elemento indispensável à sua definição" (PERAZZO, 1994, p. 39-40).

Jesus sugere que a reciprocidade não é tão essencial para a formação dos vínculos, porém esses mesmos vínculos posteriormente tendem ao desenvolvimento da reciprocidade e da integração que resultam na formação da unidade do grupo social.

> Não julgueis, e não serás julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados, dái, e dar-se-vos-á. Colocar-vos-ão no regaço medida boa, cheia, recalcada e transbordante, porque, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos vós também (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 6, vers 37-38, p. 1354).

Essa passagem do evangelho levanta a questão do comportamento social e da forma como é preciso lidar com aquele com quem se relaciona.

Medir o outro significa avaliá-lo, ponderar sobre o seu ser, suas atitudes, sua forma de

lidar com as situações e, por fim, tirar conclusões. Essas conclusões obviamente possuem uma forte carga transferencial do olhar do observador, pois não há como racionalizar sobre alguém sem interferir com seu próprio 'mapa de mundo'. A partir daí podem surgir importantes distorções que condenam o resultado final da avaliação. O foco deixa de ser o observado e passa a ser o observador.

A transferência não significa algo negativo nesse processo, mas, sim, o uso que se faz dela. Perazzo (1994, p. 53) comenta: *"Se a origem da transferência é intrapsíquica e a natureza da Tele é inter-relacional, pelo menos, numa primeira vista, não há incompatibilidade na sua concomitância, se o processo cocriativo se desenvolve por si mesmo."* Se a escolha for medir as pessoas próximas com olhar de severa crítica, sem reconhecer suas fragilidades e limitações e sem considerar suas qualidades, estará se predispondo a coletar uma imagem distorcida e negativa. Mas se for optado por um olhar mais cândido, com o qual sejam alcançadas as características nobres, os aspectos salutares e de engrandecimento, acaba-se por encontrar uma figura de traços predominantemente positivos.

Certamente não se pode cometer o erro de viciar o olhar avaliativo para um dos polos mencionados e perder o contato com a realidade. Talvez o segredo consista exatamente em conseguir manter esse olhar na posição mais neutra possível, utilizando a carga transferencial como ferramenta de aprimoramento da observação através da comparação com a experiência adquirida em vivências anteriores, como também com a força abstrata que impera no poder intuitivo.

O grupo social atua como espelho, refletindo os impulsos télicos, positivos ou negativos, que são lançados a ele. Portanto, a resposta a um estímulo ruim também possuíra o mesmo teor de prejuízo que o próprio estímulo. Da mesma forma, a resposta a um contato harmonioso tende também a conter a mesma harmonia. Mais uma vez a mutualidade télica atua no sentido de elaborar uma maior força de coesão se gerada por forças atrativas.

> Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu olho? Ou como podes dizer ao teu irmão: Deixa-me, irmão, tirar do teu olho o argueiro, quando tu não vês a trave no teu olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e depois enxergarás para tirar o argueiro do olho de teu irmão (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 6, vers 41-42, p. 1355).

As variáveis inerentes a um grupo dinâmico podem, com limitações, ser previsíveis através do estudo sociométrico, mas claramente não são controláveis. Não é possível determinar a forma como cada indivíduo se conduz e as flutuações de seu comportamento

diante de mudanças ambientais ou da própria estática relacional. Portanto, não há uma forma segura de controlar o rumo de um grupo social, mas através de um processo consciencial, pode-se estabelecer para os integrantes a importância da união e do apoio mútuo, assim como a constatação de que a ação ou omissão de cada parte afeta o grupo como um todo. Logo, fica evidente a codependência relacional, ou seja, cada um influencia a si mesmo e aos outros.

Resulta desse fato que, como não há meios para controlar cada parte do todo, a melhor maneira de provocar uma Tele positiva e alcançar um equilíbrio sociométrico é a de que cada indivíduo esteja focado em seu próprio comportamento e que, antes de avaliar e criticar a conduta do outro, faça uma análise na sua própria conduta, com vistas a um desenvolvimento pessoal que possibilite uma maior qualidade vincular.

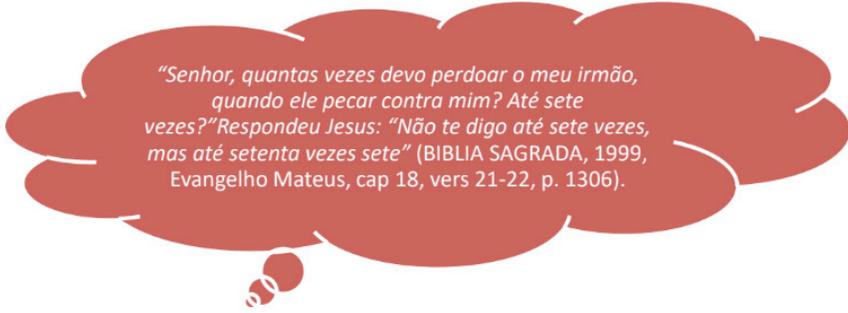
Segundo Jesus, é preciso primeiro que a autopercepção aconteça, tornando possível a visualização dos próprios defeitos e obstáculos para que seja realizado um aprimoramento pessoal. Esse movimento deve anteceder a influência que um pode ter sobre o outro, no sentido de promover uma melhoria. Dentro da sistemática da relação, para Jesus, a conexão Eu-Eu é mais imediata e palpável do que a conexão Eu-Tu, principalmente quando se reflete sobre o crescimento intrapessoal. O Eu está naturalmente amarrado em si mesmo, sendo responsável por uma influência direta no próprio Eu, antes de influenciar o Tu.

Essa visão cristã traz uma ligação com a própria matriz de identidade em que o reconhecimento do Eu está diretamente relacionado ao reconhecimento do Tu. Nessa perspectiva evangélica, a ordem de acontecimento entra em segundo plano, uma vez que

não está sendo observado esse detalhe, mas, sim, a ação do Eu sobre o Eu e a ação do Eu sobre o Tu. Jesus, com a mensagem descrita (citação acima), deixa claro que a ação do Eu sobre o Eu é anterior à ação do Eu sobre o Tu. E ao repassar esse pensamento para uma visão de grupo, pode-se refletir que o objeto primário modificador do grupo é o indivíduo, agindo em si próprio, para posteriormente, em um segundo tempo, agir sobre o outro.

Entretanto, a dinâmica do grupo não freia diante da ordem de ação dos participantes. Percebe-se que as interações são contínuas, multidirecionais e completamente mutáveis. A ação do participante, conforme Jesus, deve ser primeiro voltada para o próprio Eu, mas as suas interações com os demais participantes do grupo não cessam nesse processo. A busca por um equilíbrio sociométrico passa também pela busca de um equilíbrio intrapessoal. Enquanto o grupo se forma e, através da elaboração da dinâmica vincular, vai se desenvolvendo ligações télicas, cada indivíduo trabalha sua 'autoTele'.

3 I OUTRAS PASSAGENS

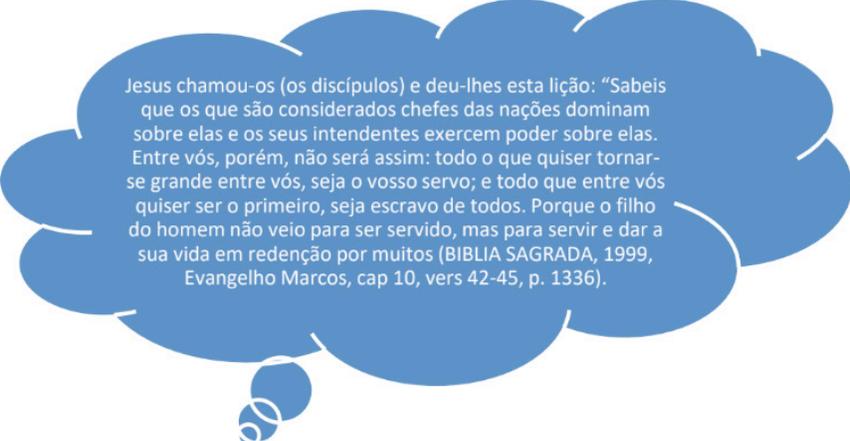
Então Pedro se aproximou dele e disse:

O perdão é um instrumento sociométrico poderoso. O ser humano possui a capacidade de ações grandiosas, dotadas de imenso senso de responsabilidade e sentimento de benevolência, assim como pode atuar de forma leviana, sem se preocupar com a situação das pessoas próximas e acabar prejudicando o grupo e comprometendo a unidade.

O ser humano é passível de falhas. Algumas vezes comete falhas devido ao descuido ou ao despreparo para lidar com as diversas situações e obstáculos que encara. Outras vezes os enganos são deliberados, cometidos pela ausência de uma consciência coletiva e motivados por razões egocêntricas. Independente do motivo, o ser está susceptível aos erros e suas consequências, conforme seus impactos sociais, assim como também está vulnerável aos erros daqueles a quem está vinculado.

Jesus comenta sobre a relevância que o perdão possui como fator de equilíbrio para o grupo. Trata-se de reconhecer a fragilidade e inapetência do outro diante de seus atos equivocados, e procurar compreender suas limitações, para, através dessa compreensão adotar uma postura de integração com o indivíduo que cometeu a falha. Não se trata de uma simples aceitação passiva ou uma condição de subserviência, mas, sim, a adoção de ações que elucide o acontecimento e promova uma reconciliação harmoniosa entre as partes, tanto daquele que cometeu a falha, quanto àquele que sofreu suas repercussões.

Imagina-se um grupo social em que um indivíduo atua de forma desequilibrada, afetando negativamente um ou todos os outros integrantes. Os outros podem julgar e excluir o indivíduo faltoso, o que pode ser considerado como uma atitude razoável para manter os remanescentes em segurança, entretanto, o resultado é a perda de uma peça do grupo e o desgaste provocado pelo processo de crítica e exclusão daquele que foi considerado inapropriado. O que resta é um grupo segregado e mais frágil, com a impressão de uma proteção que, na verdade, nem sempre se mostra efetiva.

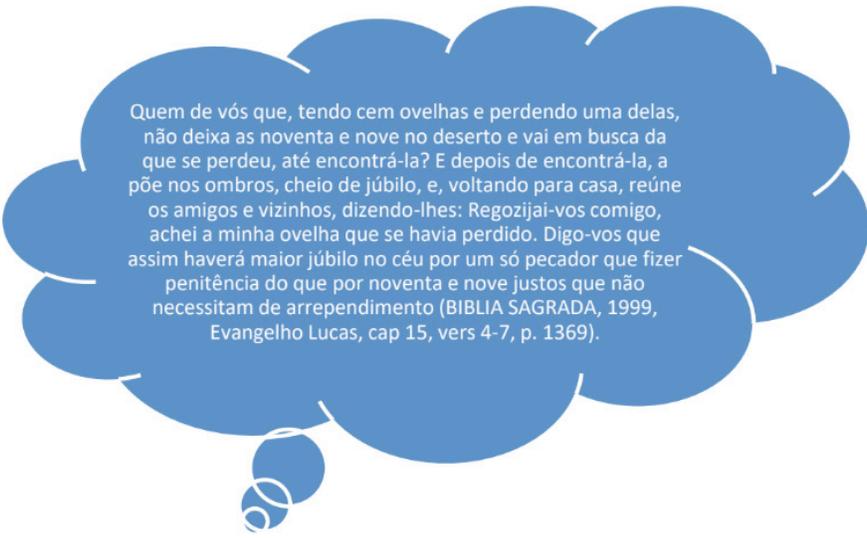
Dentro de um contexto sociométrico, pode-se considerar que a correção da falha cometida pelo indivíduo em desequilíbrio, seja de forma independente ou com o auxílio dos demais, assim como uma conscientização desse indivíduo e sua reintegração ao grupo promove um fortalecimento da dinâmica vincular, um reforço da Tele positiva, e a manutenção da unidade grupal. As redes sociais não se engrandecem propriamente com os erros, mas com o aprendizado proveniente destes.

O perdão, além de simples atividade de desprendimento e empatia, mostra-se importante ferramenta de promoção e manutenção télica.

Jesus fala nessa passagem sobre um novo sentido para um possível patamar hierárquico. Quando se pensa em organização social, associa-se à ideia prevalente de que os mais poderosos se situam acima dos mais frágeis. Aqueles que detêm o controle sobre a estrutura da comunidade são os que se colocam acima dos demais e, automaticamente, são reconhecidos como superiores. Em diversos setores da sociedade se verifica essa dinâmica, como entre os militares, políticos e funcionários etc.

Entretanto, essa forma de organização da sociedade, apesar de criar diretrizes de funcionamento e facilitar, de certa forma, o processo de decisões e direcionamento do grupo, pode fundamentar um padrão historicamente reconhecido como injusto e tirânico. Se a pessoa que está acima não possui zelo e não procura adotar atitudes que preservem os que estão abaixo, a pirâmide social tende a se desmantelar e, consequentemente, iniciam-se as insatisfações e revoltas, com possível ruptura do quadro vincular global.

Jesus provoca a adoção de uma nova proposta, em que a hierarquia não é definida por uma questão de controle e poder, mas, sim, por uma postura solidária que preza pelo conforto do grupo, já que coloca o indivíduo a serviço daqueles com quem estabelece vínculo. E colocar-se a serviço significa desconcentrar-se das coisas que são pessoais e focar no que interessa ao próximo. Esse movimento não é fácil, pois exige desprendimento e dedicação, porém ao se imaginar que cada indivíduo do grupo mantém essa prática, pode-se vislumbrar uma situação de mútuo auxílio e crescimento, com o consequente fortalecimento da Tele e uma maior atratividade entre os componentes.

É importante observar que servir com quem se está em sociedade não significa rebaixar-se ou se colocar deliberadamente em posição desfavorável em relação ao outro.

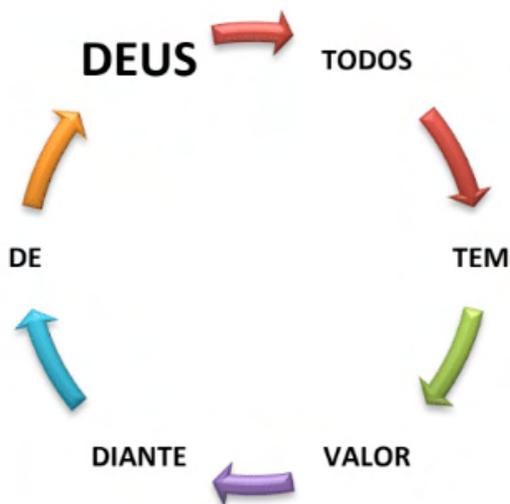
O sacrifício exigido para servir não pode prejudicar diretamente aquele que serve. O compromisso deve ser associado a tempo, dedicação e interesse e não pode resultar em danos para a parte que se predispõe a atender as demandas de quem necessita.

Nessa passagem, Jesus cita com uma analogia de fácil compreensão para a época a importância da unidade de um grupo. Qual pai não ficaria satisfeito com o retorno do filho transgressor para o caminho correto? Esse pai-pastor, segundo as palavras de Jesus, seria o próprio Deus, e nós suas ovelhas. O pastor anseia por ver todas as suas ovelhas reunidas, vivendo em harmonia, dentro do caminho correto – caminho esse de escolhas saudáveis, de solidariedade com o próximo, de resignação, de ajuda mútua, de cuidado, de resiliência. Enfim, o pastor deseja ver suas ovelhas unidas, como um único grande grupo forte e coeso, e para essa constituição nenhuma ovelha pode ser excluída; o rebanho precisa estar completo.

Sobre uma ótica social, desprivilegiando o aspecto religioso dessa mensagem, é possível compreender que a relevância da unidade do grupo é fundamental para a essência do próprio grupo. Em meio a nossa sociedade humana, os focos coletivos reconhecidamente mais fortes e resistentes são os mais unidos, como, em uma macroescala, pode-se citar: as seitas religiosas, as etnias, os sindicatos profissionais, os partidos políticos, as associações de classes. Em uma escala de pequena proporção, pode-se citar a importância da unidade de grupo para a construção da harmonia para os condôminos de um prédio, os funcionários de uma empresa, os jogadores de um clube esportivo, os membros de uma família etc.

Quando os integrantes de um grupo começam a discordar e a criar distância entre eles devido aos seus desacordos é gerada uma instabilidade que, por mais que a divergência seja focal, reflete em todo o grupo, propiciando um desgaste e uma consequente ruptura da unidade. Por conseguinte, ocorre uma segregação, com a saída real ou virtual de um ou mais membros, os quais podem associar-se e criar um novo grupo dissidente, sendo este mais frágil que o primeiro, ou ficarem isolados e expostos. E o grupo que sofreu a ruptura perde em qualidade relacional e numerária e colhe um clima de tensão que mantém os remanescentes desestabilizados. O grupo primário, forte e integral deixa de existir. O que resta são partes em desequilíbrio.

Há um ditado popular que afirma: "nenhuma corrente é mais forte do seu elo mais fraco". Este princípio se traduz sociometricamente no seguinte: para manter seu funcionamento operativo, um grupo deve ser capaz de absorver ou excluir o excesso de seus membros isolados. Quando a força dos não-integrados é maior do que a dos participantes, o grupo se desfaz ou então não atinge seus objetivos. Cabe ao coordenador se dedicar ativamente à integração dos novatos e marginalizados, pois os que desfrutam de boa posição sociométrica se cuidam sozinhos (FONSECA, 1999, p. 344-345).

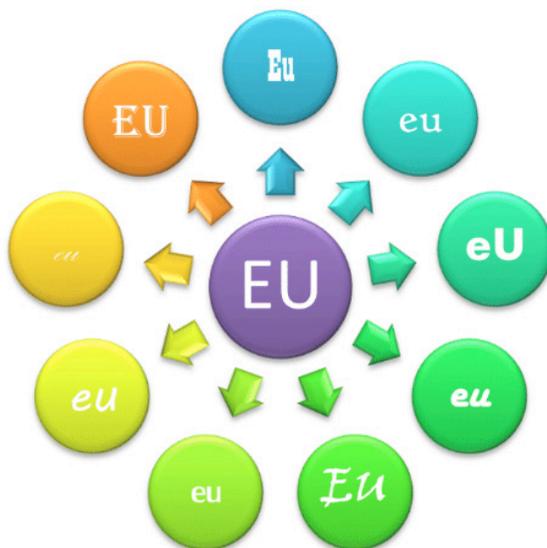
Quando se procura enxergar a dinâmica grupal sobre um ponto de vista sociométrico, percebe-se mais uma vez a importância da posição sociométrica para compor vínculos saudáveis. Não é preciso que os integrantes de um grupo possuam a mesma opinião sobre tudo ou que optem por seguir determinada trajetória em conjunto para que seja mantida a união, mas, sim, que a postura de todos, apesar de ser enraizada em crenças individuais, seja embasada em um sentimento de compreensão mútua que preze pelo estabelecimento de uma Tele positiva.

A possível segregação de um só integrante do grupo significa perda, uma vez que a unidade é quebrada. Esse pretenso ou real excluído deve ser buscado ativamente para recompor o seu papel dentro do grupo por meio do uso de diversos mecanismos que têm por base o teor cristão, como, em um primeiro momento, a humildade, a misericórdia, a compreensão, a mansuetude, a emotividade, seguindo posteriormente com o perdão, com a caridade e com a benevolência.

Esse fluxo deve ser estabelecido de forma bidirecional, ou seja, ambas as partes – grupo e segregados – devem adotar essa postura pautada nos ensinamentos cristãos, com vistas a um restabelecimento de uma Tele atrativa e globalmente benéfica. No entanto, se uma das partes não adota essa postura, a outra não pode agir motivada pelo orgulho e vaidade e assumir a mesma posição viciada em desequilíbrio. Se as duas partes não caminham ao encontro uma da outra, que pelo menos uma delas exerça esse movimento e permita uma porta aberta para que a outra parte retorne e que se reestabeleça a unidade harmônica do grupo. Esse parece ser o sentido de buscar a ovelha perdida, mas dessa vez, realizado não por uma entidade superior, mas pelo próprio grupo motivado por uma consciência coletiva integracionista.

A personalidade de um indivíduo é algo imensurável. O conjunto de crenças e ações que define o ser pode variar em um longo intervalo de possibilidades entre dois

extremos que são desconhecidos. O que é o ser e a maneira como ele percebe as outras pessoas é, na verdade, a média do que potencialmente ele pode ser. Assim, ao se enxergar alguém como confiável, é porque na maior parte do tempo esse alguém foi percebido dessa maneira, mas em absoluto significa que essa pessoa é 'cem por cento' do tempo confiável ou 'cem por cento' confiável no decorrer do tempo. Apenas significa que a forma de ver esse alguém diz que ele se comporta de maneira confiável por um tempo necessário para que possa ser julgado como tal.

> O psiquismo é constituído por uma estrutura dinâmica, em que o "eu global" é conformado por múltiplos "eus" parciais que, às vezes, se agrupam em constelações, como, por exemplo, a dos "eus censores", a dos "eus masoquistas" etc. Os "eus" parciais internos apresentam, por sua vez, um grau variável de relacionamento que podemos chamar de "sociometria interna". O indivíduo relaciona-se, portanto, externamente com grupo de pessoas (eu-tu, eu-eles e eu-nós) e, internamente, com grupos de "eus"internos (eu-eu)" (FONSECA, 1999, p. 90-91).

O indivíduo ocupa inúmeras posições de condutas, pensamentos e emoções, as quais flutuam dentro do intervalo temporalmente longitudinal de suas escolhas, e que são multifatorialmente influenciadas por variáveis controláveis e não controláveis. No final, o indivíduo torna-se uma miscelânea de vários dentro de um só. Essa realidade possui como vantagem a capacidade de adaptação e de evolução inerente ao processo experiencial, mas também favorece a desvantagem da deformação da identidade, provocada pela inconstância das escolhas na composição do comportamento.

Entretanto, apesar desse infinito de possibilidades, há uma tendência natural de o indivíduo se portar de forma padrão, exercendo continuamente o mesmo conjunto de comportamentos, que finalmente acaba por defini-lo socialmente. Mais uma vez o exemplo da pessoa confiável pode ser utilizado. Se alguém age de forma confiável a maior parte do tempo, existe uma inclinação natural para que continue agindo de forma confiável, o que a definiria socialmente como uma pessoa confiável. A recíproca também é verdadeira, no passo que se alguém não age de forma confiável, muito provavelmente continuará escolhendo esse mesmo caminho e será reconhecido pelo grupo como uma pessoa que não desperta confiança. Isso explica porque os processos extremos de mudança de comportamento, em que o indivíduo deixa de agir de uma forma para agir de maneira contrária, são facilmente desacreditados pelo coletivo. O padrão de conduta possui a disposição de se perpetuar, a menos que algo se interponha em sua trajetória.

Quando a formação da personalidade do ser se delineia no sentido da prática de atitudes cristãs, há uma tendência de que os vínculos estabelecidos em relação sejam positivamente télicos, como comentado anteriormente. Todavia, existe essa flexibilidade de crenças e ações geradas por nossas próprias escolhas que possibilita a instabilidade das práticas cristãs, o que pode comprometer o vínculo e corromper a atração télica.

Jesus, na passagem acima, trata da questão da pertinência das atitudes cristãs independente da situação ou de qualquer variável condicionada. Ele sugere que deve haver uma postura constante associada ao comportamento ético, sendo este essencial, independente de qualquer força contrária. Portanto, Jesus defende que o padrão adotado pelo indivíduo deve ser o padrão cristão, cujos resultados favoreceriam relações de maior qualidade. Considerando essa inclinação natural que o ser possui para manter o conjunto de ações centradas em um mesmo eixo, quando se opta em agir de maneira amoral em momentos tidos como pequenos, ou de pouca importância, automaticamente há uma disposição de se perseverar com essa mesma prática amoral quando o momento for reconhecido como grande, de elevada importância. Reforça-se então o privilégio que deve ser atribuída às condutas associadas a princípios morais éticos, objetivando resultados télicos.

Pode-se observar também que devido ao processo de escolha do indivíduo ocorrido através de sua vontade; o padrão de comportamento pode ser modificado se assim for seu desejo. Esse fato permite a visualização de mudanças comportamentais voltadas a uma postura mais cristã, quando esta não era exercida anteriormente. O livre-arbítrio, termo religioso associado ao cristianismo, garante a possibilidade de uma reformulação na forma de ver as pessoas e coisas, e encaminha a uma consequente modificação na maneira de agir. A responsabilidade sobre os meios e fins da dinâmica vincular recai, portanto, sobre o próprio indivíduo. O homem é agente da sua própria vida e responsável por sua felicidade.

4 I AMOR CRISTÃO E A TELE MORENIANA

> *Mestre, qual é o maior mandamento?" Respondeu Jesus: Amará o senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito (Deut 6,5). Este é o maior e primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás teu próximo como a ti mesmo (Lev 19,18) Nesses dois mandamentos se resumem toda a lei e os profetas* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Mateus, cap 22, vers 34-40, p. 1312).

> *Jesus respondeu-lhe: "O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito e de todas as tuas forças. Eis aqui o segundo: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Outro mandamento maior do que estes não existe* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Marcos, cap 12, vers 29-31, p. 1338).

> *Levantou-se um doutor da lei e para pô-lo à prova, perguntou: "Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna?" Disse-lhe Jesus: "Quê está escrito na lei? Como é que lês?" Respondeu ele: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento (Deut 6,5); e a teu próximo como a ti mesmo (Lev 19,18)" Falou-lhe Jesus: "Respondeste bem; faze isto e viverás.* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho Lucas, cap 10, vers 25-28, p. 1362).

> *Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amo. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho João, cap 15, vers 12-13, p. 1405).

Na leitura dos evangelhos, percebem-se muitas passagens repetidas ou com significado próximo, mas são poucas as que estão presentes nos quatro evangelhos simultaneamente. As passagens acima são muito semelhantes em forma e em conteúdo e, segundo as próprias palavras de Jesus, representam seu maior mandamento, que está assinalado pelo termo da palavra amor e pelo seu simbolismo. Amor é o maior ensinamento

de Jesus.

Como o próprio Jesus cita, todas as suas lições e filosofia podem ser contraídas no amor. Desde os ensinamentos implícitos nas parábolas, passando pela pregação do sermão da montanha até a sua resiliência diante da crucificação, tornam-se ramificações de um eixo central maior de transmissão de ideologia que, através do próprio autor em questão, resume-se a amar ao próximo como a si mesmo.

Se for considerada a complexidade das lições cristãs e transportada essa complexidade para o primitivismo da época em que Jesus viveu, contempla-se uma obra de bastante profundidade filosófica, além do teor religioso em que o cunho psicológico fica entremeado em muitas proposições, assim como uma proposta para uma nova e revitalizada forma de se conduzir. Mesmo assim, Jesus, o autor intelectual de tal feita, limita todas as suas ideias em apenas numa conjectura. Então, pode-se imaginar a força que essa síntese possui para concentrar tamanho conhecimento, além do vislumbre de um poder transformador que o seu estudo deve promover para os diferentes ramos das ciências sociais.

Mas o que significa enfim o amor? E qual a sua relevância para a psicologia social e para o psicodrama moreniano?

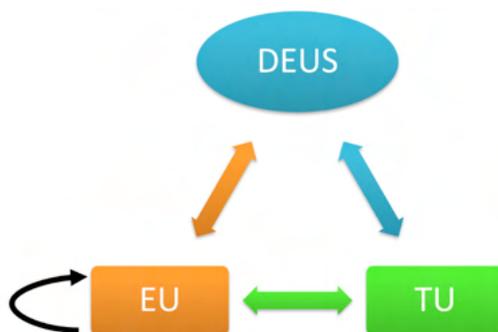
Se houvesse uma pesquisa de caráter mundial em que todas as pessoas do planeta fossem solicitadas a conceituar o amor, provavelmente teríamos um número de respostas diferentes muito próximas do número de habitantes do globo, entretanto, todas as respostas possuiriam a mesma essência e levariam a uma mesma proposta de trajetória. O fato é que não existe concretamente um conceito certo para explicar o que essa expressão tão famosa e desejada significa, porém todas as pessoas guardam em seu íntimo uma noção subjetiva sobre o que é o amor e o que ele representa para si próprio.

Jesus falava para cada pessoa, propondo a cada um que mudasse a sua vida, a partir de uma transformação pessoal, sendo esse ato realizado de forma particular. A proposta se trata de uma ação motivada pela vontade e iniciativa própria com direção a um processo de aprimoramento pessoal. Aqui, o outro não importa diretamente, uma vez que o desenrolar dessa transformação acontece de forma independente aos impactos que o ambiente sofre com a própria transformação em si, assim, como também, é independente da retribuição do ambiente para a pessoa que age. Como por exemplo, a mulher que, acreditando no valor da lealdade e da fidelidade, escolheu se comportar dessa maneira durante o matrimônio. Quando descobriu que apesar da sua fidelidade estava sendo traída pelo seu parceiro, ela pondera sobre a pertinência da escolha de ela própria ser fiel.

Nesse momento, a crença pessoal sobre a importância da fidelidade é colocada em debate. E isso pode ocorrer de forma independente à possibilidade de ela se manter na mesma relação ou investir em uma nova. Ela pode se arrepender de ter sido fiel por tantos

anos e simplesmente passar a desvalorizar a fidelidade, ou desvalorizar a própria relação, ou qualquer relação; pode ser infiel com o mesmo parceiro ou escolher ser infiel com um novo parceiro; pode desacreditar no gênero masculino ou desacreditar do matrimônio; pode se recusar a se expor ao mesmo sofrimento, negando a si uma nova relação, ou pode optar por inúmeras relações superficiais que não se enraizassem, evitando separações dolorosas posteriores. Enfim, a mulher pode permitir que o fato de ter sido traída a faça optar por uma nova crença, e, consequentemente, um novo comportamento. Mas a traição também pode ser vista por ela como um acontecimento que tem significado sozinho, sem repercutir em sua forma de perceber os fatos e não interferindo em sua ideologia de que a fidelidade é algo proveitoso e que, no fim, é válido para ela própria ser fiel. Esse último pensamento está de acordo com a doutrina cristã.

Conforme o ensinamento cristão, parece ser esse o sentido em uma transformação íntima verdadeira: não há escolhas realizadas pela busca de uma reciprocidade, mas, sim, a satisfação primária de escolher o que se acredita ser correto. Esse processo de sentir-se satisfeito com as próprias escolhas, em manter uma relação saudável consigo mesmo, pode corresponder ao que o psicodrama conhece como ‘autoTele’.

Jesus, ao orientar cada um a transformar-se, acabava influenciando a transformação do grupo através de uma simples questão de integração: pessoas com escolhas mais saudáveis, ao se reunirem, formam grupos mais saudáveis. Esse movimento acontece como causa e consequência do primeiro, tornando a transformação pessoal uma peça essencial para a composição de grupos harmônicos. É importante frisar que, como mencionado anteriormente, esse processo de construção pessoal e formação grupal é concomitante, ou seja, um não acontece antes do outro. Ambos desenvolvem-se paralelamente, em uma dinâmica em que o crescimento de um favorece a evolução do outro e que a contração de um prejudica a evolução do outro. O homem precisa estar consciente de si mesmo e manter um trabalho contínuo para a elaboração de seu caráter, enquanto, simultaneamente, entra em contato com a esfera global das relações e apura as experiências como forma de conhecer a realidade externa. O homem interno é constructo do homem externo e vice-versa.

Pelo que foi visto anteriormente, pode-se afirmar que Jesus ensinou o homem a ser humilde, a usar e expor sua emoção, a ser manso, pacífico, misericordioso e justo, a manter um comportamento ético, procurando respeitar-se e respeitar o próximo, a se doar e perdoar o outro, a ter responsabilidade social e a agir com caridade. Todas essas qualidades possuem a capacidade de gerar uma atratividade télica, tornando o contato entre os indivíduos que as usam mais saudável. Torna-se relevante também lembrar que essas atitudes são individuais, ou seja, dependentes daquele que as opera. Atitudes estas que até podem ser influenciadas pelo ambiente e por outras pessoas, mas a decisão cabe primariamente ao ser em questão.

Pensando em uma relação particular em que uma dessas características está presente, pode-se visualizar a harmonização do vínculo por efeito direto dessa característica. A propriedade atribuída, por exemplo, a capacidade de perdoar favorece a manutenção do vínculo e seu posterior fortalecimento, atuando de forma contrária à possibilidade de ruptura relacional diante de um fator segregante. Por conseguinte, ao se considerar uma relação em que todas essas características estão presentes e são exercidas de forma natural, pode-se vislumbrar o que cada uma dessas características pode oferecer individualmente como fator positivo para garantir a Tele do vínculo. Então, projetando-se todas essas características reunidas em uma mesma relação, pode-se garantir uma qualidade de relação inquestionável, mesmo quando essa Tele seja semeada apenas por um dos integrantes, mas não pelo outro, ou outros.

Como consequência dessa formação télica composta por esses fatores salutares presentes em um membro, há o surgimento de uma força relacional que favorece com que os outros integrantes envolvidos na teia social em questão também desenvolvam as mesmas características. Quando alguém é tratado de maneira cortês, ética, com respeito social, cria-se uma tendência de que assimile essa forma de tratamento e reflita para a mesma pessoa que a dirigiu, como também pode difundir para outros. Dessa forma, a Tele, que até então era bidirecional e mútua, mas não recíproca do ponto de vista da positividade, torna-se recíproca, e o contato se estreita no sentido de aproximar as essências. Nesse caso, pode considerar que o Eu fica mais próximo do Tu e ambos estabelecem uma relação de alta qualidade. Esse movimento é dinâmico, contínuo e retroalimentável, já que as atitudes que proporcionam uma melhora do vínculo são naturalmente bem recebidas e acabam por reforçar novas atitudes saudáveis com o intuito de fortalecer ainda mais as forças de coesão.

Reforçando o que foi afirmado previamente, conceituar o amor é algo complexo, sendo mais proveitoso compreendê-lo através de suas características para conseguir uma aproximação do seu significado. O próprio Jesus fala que o amor resume todas as suas lições, ao considerar todas as lições de Jesus em um mesmo contexto, é possível perceber em essência do que se trata o amor. Então, considera-se uma pessoa humilde,

mansa, pacífica, misericordiosa, justa, humilde, capaz de se doar e perdoar, que respeita a si mesmo e ao outro e que pratica a caridade. Essa pessoa, no final, age com amor, o que, como mencionado anteriormente, estabelece uma Tele com o outro de qualidade. Importante lembrar que essa condição íntima elevada, que facilmente pode ser associada ao conceito de ‘autoTele’, desenvolve-se de forma concomitante ao processo de formação e aprimoramento da dinâmica vincular social, que é a Tele moreniana.

Nesse caso, agir com amor ao outro é também se amar, ou se pode deduzir o inverso: amar-se é também agir com amor ao outro. Esse amor se direciona de um para o outro, sem depender de retorno. Portanto, o amor relacional não é exigente ou condicional, podendo ser gerado pela ação de apenas um dos integrantes, mas favorecendo todo o grupo, além do próprio agente em questão. Esse amor, no fim, gera uma Tele de qualidade, sendo análogo ao que Jesus defendia.

Nesse momento do desabrochar télico em que o Eu já adotou uma atitude amorosa e desenvolveu sua ‘autoTele’ ao mesmo tempo em que garante uma Tele externa saudável, já nos deparamos com uma relação de qualidade, mas como o movimento é contínuo, prossegue a dinâmica da relação de forma a contagiar a transformação pessoal do outro, favorecendo a ‘autoTele’ do Tu, ao mesmo tempo em que mais uma vez é reforçado o aprimoramento do vínculo télico. Aqui a interação torna-se recíproca, visto que o Eu e o Tu agem com amor, tornando a Tele muito mais forte e elaborada.

Nesse ponto, pode-se falar em uma força de atração tamanha que gera a aproximação da essência dos envolvidos. Algo comparável ao Encontro.

5 I ENCONTRO PARA JESUS E MORENO

> *"Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar a pedra"* (BIBLIA SAGRADA, 1999, Evangelho João, cap. 8, vers. 7, p. 1395).

Essa passagem do evangelho de João explicita bem a maneira como Jesus ensinava as pessoas de sua época. Foi trazido para Jesus uma mulher que, segundo o evangelho, teria sido apanhada em adultério. Essa afirmação presente na escritura não deixa margem para dúvidas: a mulher era culpada do crime da qual a acusavam. Os acusadores apresentaram a mulher a Jesus em meio à multidão, revelaram seu crime, e se referiram a lei de Moisés sobre tal crime, que se trata de morte por apedrejamento.

Jesus manteve a calma, enquanto escrevia com os dedos na terra, após ser confrontado novamente com a pergunta, diz: quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar a pedra. Todas as pessoas que ali estavam se retiraram, motivadas pelas suas próprias consciências, segundo conta o evangelho.

O que Jesus fez? As pessoas que queriam apedrejar a mulher adúltera a viam como pecadora, como criminosa, passível de punição imediata. O seu pecado era condenado pela lei mosaica e o castigo seria a morte. O que as fez abandonar a ideia de praticarem a justiça da época? O que os motivou a modificar suas crenças e refazer suas ações?

Jesus provoca os acusadores ao descentralizar a visão da mulher adúltera para eles mesmos. O fato de ela ter pecado continuava inquestionável, mas, com a colocação de Jesus, cria-se uma perspectiva nova sobre quem era culpado e quem era inocente. O homem com a pedra na mão, cheio de razão e conceitos de moralidade e justiça, pronto para apedrejar a mulher pecadora, reflete nesse momento sobre os seus próprios pecados, pensa em quantas vezes transgrediu a lei que tão fervorosamente defende. E pode também começar a se perguntar se os outros soubessem de seus pecados, se seus crimes se tornassem públicos, com que brutalidade seria tratado e condenado? Seria utilizada contra ele a mesma força punitiva que ele estava usando contra aquela mulher?

Nessa mudança de perspectiva, o homem começa a se colocar no papel da mulher adúltera. E se fosse ele que estivesse ali? E se fosse ele que estivesse para ser apedrejado por seus pecados? A visão sobre a mulher adúltera começa a se modificar, então. Ela não é tão diferente daqueles que querem condená-la. O seu crime perde a dimensão quando todos se veem como criminosos em algum momento. Ela não mereceria uma segunda chance? O homem que condena não mereceria uma segunda chance? Se aquele que condena gostaria de uma segunda chance, de um julgamento mais brando, por que aquela mulher não poderia tê-lo também?

Essas perguntas aparecem na cabeça das pessoas enquanto seguravam suas pedras com o intuito de matar a mulher pecadora. Essas perguntas significam uma mudança de visão sobre aquela mulher, a qual já não é simplesmente uma criminosa, ela passa a ser alguém que, como eles, que também está passível de falhas. O que acontece na verdade é uma inversão de papéis das pessoas que condenam em relação à mulher condenada. Eles se colocam no seu lugar e sentem a sua angústia. Desejam, portanto, um desfecho diferente para aquele quadro, uma vez que se fossem eles próprios os condenados, também desejariam um novo final.

A inversão de papéis significa incluir-se do outro lado, como diz Buber, e vice-versa. Significa que A e B, Eu e Tu, sejam presentes e em condições de captar-se a si mesmos e ao outro com a respectiva troca de posições. É a possibilidade de comunicação verdadeira e profunda entre duas pessoas. À medida que o ser humano ganha capacidade para se colocar no lugar do Tu, e permite que este se coloque em seu lugar, ganha um melhor conhecimento da realidade de outros mundos pessoais e, consequentemente também do seu (FONSECA, 2008, p. 96).

A inversão de papéis altera a percepção e, consequentemente, o comportamento. Essa inversão aumenta a perspectiva do Eu sobre o Tu fazendo o Eu se colocar no lugar do Tu, tendo contato com seus sentimentos, pensamentos, e vivências. O Eu, então, compreende o Tu de uma forma mais completa e sincera, podendo fazer escolhas mais saudáveis em sua maneira de lidar com a relação. A inversão de papéis é passo fundamental para que o Encontro aconteça.

Sobre a fase do Encontro, Fonseca (2008) descreve assim:

A inversão de papéis significa incluir-se do outro lado, como diz Buber, e vice-versa. Significa que A e B, Eu e Tu, sejam presentes e em condições de captar-se a si mesmos e ao outro com a respectiva troca de posições. É a possibilidade de comunicação verdadeira e profunda entre duas pessoas. À medida que o ser humano ganha capacidade para se colocar no lugar do Tu, e permite que este se coloque em seu lugar, ganha um melhor conhecimento da realidade de outros mundos pessoais e, consequentemente também do seu (FONSECA, 2008, p. 96).

O Encontro seria, portanto, um momento especial em que ocorre uma ligação

cósmica, transcendental, acima do nível relacional conhecido, em que as essências dos envolvidos se fundem, mas sem comprometer suas individualidades, possibilitando uma evolução como ser de cada uma das partes e o estabelecimento de uma relação de extrema qualidade vincular. Tanto Fonseca como Moreno não poderiam descrever o Encontro de uma forma concreta ou específica por se tratar de uma fase subjetiva, associada a um conceito de estado de profunda transcendência. Devido a essa posição especial, a religiosidade entra como uma das maneiras para tentar explicar o Encontro, também, por isso que se estabelece uma analogia estreita com o amor cristão.

Fonseca (2008) ainda afirma:

> Moreno concebe um Deus muito próximo do homem ou se confundindo com o ser humano. Concebe, também, o encontro do homem com seu semelhante, de tal modo que o Eu passa a ser Tu; o Tu se transforma em Eu. O intercâmbio através do diálogo adquire sua plenitude; é a apologia de uma comunicação perfeita através da inversão (Eu-Tu; Tu-Eu), na busca de um Encontro (FONSECA, 2008, p. 7).

Não é por acaso que o Encontro só se torna possível após a evolução progressiva das fases do desenvolvimento humano, chegando até a inversão de papéis, sendo esta essencial para a realização do Encontro. A inversão de papéis, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar do outro, é fator condicional para entendê-lo e é preciso essa compreensão para atingir qualidade em uma relação. O Encontro seria então, o ápice dessa qualidade, um ponto que deve ser almejado por aqueles que desejam aprofundar-se plenamente na dinâmica relacional.

O amor cristão possui características que podem ser facilmente associadas ao processo que desencadeia o Encontro. Jesus resumiu todas as suas lições no que acreditava ser o fator que sintetizasse tudo que era necessário para gerar harmonia ao ser humano, interior e exterior. O amor descrito por Jesus torna-se, quando exercido, um ápice relacional, um estado extremo de profunda compreensão de si mesmo e do outro, gerando uma relação equilibrada em princípios atrativos que proporcionam uma estabilidade sólida e potencialmente duradoura. O Encontro moreniano trata da mesma questão filosófica sobre um contato tão íntimo e próximo que proporciona esse mesmo equilíbrio, também gerando forças vinculares firmes que favorecem a solidez da relação.

Não é possível caracterizar aqui com exatidão se as semelhanças entre o amor

cristão e o Encontro moreniano os tornam conceitos diferentes de um mesmo fenômeno. Ou também poderiam ser causa ou consequência um do outro, como se o Encontro fosse parte do processo que gera o amor cristão, ou se amor cristão participasse dos caracteres necessários para a realização do Encontro. O que se trata aqui não é a definição exata de cada um desses objetos, ou mesmo sua localização precisa dentro do processo relacional.

Objetiva-se entender prioritariamente as semelhanças entre esses dois fenômenos, os quais, apesar de serem provenientes de fontes teóricas diferentes e serem compostos de peças construtivas distintas, culminam ideologicamente em um ponto ápice do mecanismo inter-relacional e da formação do ser. Eles trazem a ideia de uma forma de estado abstrato de profunda evolução pessoal e conhecimento do outro. A noção desse ponto é atingida tanto quando se refere ao Encontro quanto ao amor cristão, seja formado pelo desenvolvimento das fases da matriz de identidade ou pela assimilação das lições de Jesus. São dois caminhos diferentes que, quando percorridos, levam a um mesmo resultado positivo.

Pode-se perceber que não apenas o Encontro e o amor cristão possuem similaridades associadas ao estado de completude atingidos em seus extremos, como todo o processo necessário para os seus desenvolvimentos também possuem relações próximas. Por exemplo, ao considerar a evolução paulatina das fases da matriz de identidade até chegar à técnica Inversão de Papéis, fica notável o estabelecimento progressivo de uma visão mais amorosa do Tu, enquanto o Eu está em formação. Primeiro se reconhece o Tu, o que significa percebê-lo como ser individual, independente, alheio à vontade do Eu. Posteriormente se desempenha uma relação exclusivista com o Tu, o que traduz numa visão egocêntrica e não solidária; apesar de reconhecer a sua individualidade. Depois, o Eu reconhece o Ele, aceitando uma relação Tu-Ele, o que demonstra uma quebra do egocentrismo e uma abertura para a aceitação de que o Tu tem vontade própria e escolhas independentes do Eu. Essa direção permanece também com o reconhecimento do Nós e do Eles, quando o Eu cria o sentido de grupo e de como se colocar diante dele. O Eu percebe que o seu meio externo tem vida própria e que existe associações em que não é essencial, fortalecendo a sua humildade e seu desejo por integração. A inversão de papéis

ocorre como forma de aprimorar a sua compreensão do outro, o que dentro dessa cadeia, significa que o Tu está sendo visto de maneira mais inteira e real, e, factualmente; o Eu também passa a ser visto assim. Essa é uma atitude que denota amor. Então, pode-se entender por que a Inversão de Papéis é fase tão fundamental para a chegada do Encontro, assim como participa da trajetória progressiva que encaminha ao amor cristão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia como ciência em desenvolvimento sempre mostra novas perspectivas sobre o velho e revela luz sobre o desconhecido. A evolução das abordagens da psicologia, sendo o psicodrama uma delas, tende a acompanhar o pensamento humano conforme ele também evolui pautado nos diferentes caracteres que o contemplam, como a cultura, a tecnologia, a organização social, entre outros. O contexto religioso com que a sociedade caminha também é importante fator que determina a própria sociedade, influenciando inclusive à formação da personalidade do indivíduo e contribuindo para a composição da consciência coletiva. Dentro dessa visão, a evolução da psicologia como ciência precisa obrigatoriamente considerar a formação religiosa do ser como parte fundamental de sua integralidade e como determinante de suas escolhas e ações.

Jesus e Moreno são dois personagens que, dentro das devidas proporções e dentro das suas contribuições particulares, trouxeram à humanidade uma possibilidade de caminho social com um fim positivo. Moreno, por sua formação religiosa, considerando inclusive a religião do encontro, traz com o psicodrama um estudo filosófico-científico que transcende para um estado de graça religioso, referindo-se ao encontro como um contato cósmico entre dois seres. Jesus, abraçado como Messias, como Salvador, do ponto de vista religioso, e reconhecido desde um teórico inovador para a época a um ideologista contemporâneo, que revolucionou a forma de como o homem deve pensar e se comportar, trazendo a noção de amor como forma de redenção e equilíbrio do ser. Ambos falaram através de palavras diferentes, por meios diferentes e em tempos diferentes, mas suas obras deixam claro o intuito magnânimo da evolução da humanidade, tanto do ponto de vista de crescimento pessoal como coletivo.

Inserido nesse contexto, este trabalho almeja contribuir no sentido de desenvolver um diálogo entre essas duas forças convergentes: psicodrama e doutrina cristã. O psicodrama elaborou em sua teoria a espontaneidade e a criatividade, o desenvolvimento dos papéis, o conceito de Tele e a percepção dos vínculos. Esses fatores contribuíram e continuam contribuindo para um aprimoramento pessoal e das relações. A doutrina cristã, por sua vez, apresenta um conjunto de ensinamentos morais que se traduzem em equilíbrio social quando praticados. Esses ensinamentos morais, quando vistos sob uma perspectiva psicodramática, podem se tornar mais palpáveis, mais próximos de uma estrutura de transformação pessoal e social do que propriamente de um contexto religioso dogmático.

As técnicas psicodramáticas também podem ser utilizadas para a correção de uma visão distorcida da religiosidade cristã, seja para qual for dos dois extremos patológicos, a descrença desrespeitosa ou o fanatismo obsessivo. Essas distorções são frequentes em nossa sociedade, e são bastante deletérias, tanto individualmente como para as comunidades afetadas diretamente.

> Consiste nisso a igualdade dos que se amam; igualdade que não poderia residir em qualquer sentimento que fosse; igualdade que vai do menor ao maior; do mais feliz e do mais seguro, daquele cuja vida inteira está encerrada na de um ser único e amado, até aquele cuja vida inteira está crucificada sobre a cruz do mundo, por ter podido e ousado esta coisa inaudita: amar os homens (BUBER Apud FONSECA, 2008, p. 36).

Torna-se bastante factível a necessidade que essa integração entre as palavras de Jesus e a teoria psicodramática de Moreno seja mais bem estudada e contemporizada. O anseio subliminar enrustido nas linhas deste trabalho contempla essa possibilidade, como também, de uma forma intencional, tenta provocar os atuais psicodramatistas e filósofos do conhecimento a aprofundar esse tema com vistas a um florescer da psicologia em uma perspectiva intelectual e humanista.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português, Bíblia Sagrada. 131. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1999.

BUSTOS, Dalmiro. M. **Perigo... Amor a vista!** Drama e Psicodrama de Casais. 2. ed. São Paulo: Aleph, 1990.

______. **Novas cenas para o Psicodrama:** O teste da mirada e outros temas. São Paulo: Ágora, 1999.

______. **O Psicodrama.** Aplicações da Técnica Psicodramática. 4. ed. São Paulo: Ágora, 2005.

FONSECA, José. S. **Psicodrama da Loucura:** correlações entre Buber e Moreno. 7. ed. São Paulo: Editora Ágora, 2008.

______. **Psicoterapia da Relação.** Elementos de psicodrama contemporâneo. 1. ed. São Paulo, Editora Ágora, 1999.

GONÇALVES, Camila. S.; WOLFF, José. R.; ALMEIDA, Wilson. C. **Lições de Psicodrama:** introdução ao pensamento de J. L. Moreno. 10. ed. São Paulo: Ágora, 1988.

HERRANZ, Teodoro. **Integrações.** Psicoterapia Psicodramática Individual e Bipessoal. São Paulo: Ágora, 1999.

MARTÍN, Eugenio. G. **Psicologia do Encontro: J. L. Moreno.** 2. ed. São Paulo: Ágora, 1996.

MORENO, J. L.. **Autobiografia.** 1. Ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

______. **As Palavras do Pai.** Campinas, SP: Editorial Psy, 1992.

______. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1983;

______. **O Teatro da Espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984;

______. **Psicodrama**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975;

______. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. Campinas: Editora Livro Plena, 1999.

MONTEIRO, Regina. **Técnicas Fundamentais do Psicodrama.** 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

NETO, Alfredo. N. **Paixões e Questões de um Terapeuta.** São Paulo: Ágora, 1989.

______. **Psicodramatizar.** 2. ed. São Paulo: Ágora, 1980.

NUDEL, Benjamim Waintrob. **Moreno e o Hassidismo.** Princípios e Fundamentos do Pensamento Filosófico do Criador do Psicodrama. São Paulo: Ágora, 1994.

PERAZZO, Sérgio. **Ainda e Sempre Psicodrama.** São Paulo: Ágora, 1994.

______. **Fragmentos de um olhar Psicodramático.** 1. ed. São Paulo: Ágora, 1999.

ZUBEN, Newton Aquiles von. **Martin Buber:** cumplicidade e diálogo. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SOBRE OS AUTORES

TIAGO MEDEIROS SALES - Médico pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Psiquiatria pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP-CE). Pós-graduado em Psicodrama pelo Instituto de Psicodrama em Máscaras (IPM) e pelo Centro Universitário 7 de Setembro (UNI7). Pós-graduado em Psicologia Transpessoal pela Universidade da Paz, Curitiba (UNIPAZ) e pela Faculdade Vicentina (FAVI). Mestre e Doutorando em Saúde Pública pela UFC.

MARCO ANTONIO PULICE AMATO - Graduação em psicologia pela Universidade São Marcos. Formação em Psicodrama pela Sociedade Vale Paraíba de Psicodrama (SOVAP). Formação em Diretor em Psicodrama pelo Instituto Jacob Levy Moreno S.P. (IJLM). Fundador e Diretor do Instituto de Psicodrama e Máscaras (IPM). Membro associado à Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP).

Ano 2022

PSICODRAMA E DOUTRINA CRISTÃ:

UM "ENCONTRO" ENTRE MORENO E JESUS

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2022

PSICODRAMA E DOUTRINA CRISTÃ:

UM "ENCONTRO" ENTRE MORENO E JESUS

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br